Convergência

515

Outubro • 2018 • ANO LIII

Revista da Conferência
dos Religiosos do Brasil - CRB
ISSN 0010 - 8162

CRB

Convergência ISSN 0010-8162

Diretora: Irmã Maria Inês Vieira Ribeiro, mad
Editor: Irmão Lauro Daros, fms
Redatora: Irmã Maria Aparecida das Dores Silva, fsp – MTb 3773/DF

Conselho Editorial: Pe. Ângelo Mezzari, rcj
Irmã Helena Teresinha Rech, sst
Irmã Vera Ivanise Bombonatto, fsp
Jadelmir Vitório, sj
Irmã Nivalda Milak, fdz

Projeto gráfico: Manuel Rebelato Miramontes
Diagramação: Dulciene Luzia Almeida
Revisão: Irmão Lauro Daros, fms
Impressão: Editora FTD - Sede São Paulo
Ilustração da capa: Irmã Patrícia Souza da Silva

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
SDS, Bloco H, n. 26, sala 507 – Ed. Venâncio II
70393-900 – Brasília - DF
Tel.: (61) 3226-5540
E-mail: crb@cbnacional.org.br
www.crbnacional.org.br
Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas
do PDF sob o n. P. 209/73

Sumário

Editorial

A VIDA É UMA MISSÃO 5

Mensagem do papa

MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO PARA O DIA MUNDIAL DAS MISSÕES 2018 8

Mártires/Santos

DADOS BIOGRÁFICOS DE PADRE FRANCISCO DE PAULA VICTOR 12
Associação Padre Victor (Três Pontas,MG)

SÃO OSCAR ROMERO, BISPO E MÁRTIR DA AMÉRICA LATINA 16
Padre Rafael Lopez Villasenor

Informes

III SEMINÁRIO PARA FORMADORES EM CHAVE INTERCULTURAL - CONE SUL - CLAR 23
Padre José carlos

IRMÃZINHAS DE JESUS NO BRASIL - SEMENTES QUE GERMINAM 31
Maria Dulcidéia de Jesus

Artigos

SÍNODO PARA A AMAZÔNIA E O MUNDO - VADE MECUM PARA UMA AGENDA MÍNIMA 34
Paulo Suess

ENCONTRO COM NOSSA SENHORA APARECIDA: SIGNIFICADO HISTÓRICO-TEOLÓGICO PARA A VRC 46
Maria Cecília Domezi

MIGRAÇÕES COMO DESAFIO À VRC 55
Padre Alfredo J. Gonçalves, cs

REFLEXÃO-MEDITAÇÃO SOBRE
MONSENHOR ROMERO 67
Padre Jon Sobrino, sj

MÍSTICA E PROFECIA: UM OLHAR DE TERESA DE
JESUS COMO PROFECIA, HOJE 81
Ir. Assunta Romio, stj e Ir. Rita Romio, stj

A VIDA É UMA MISSÃO

O papa Francisco, na mensagem para o Dia Mundial das Missões de 2018, expresa que a vida é uma missão. Ele afirma que "todo o homem e mulher é uma missão, e esta é a razão pela qual se encontra vivendo na terra. Ser atraídos e ser enviados são os dois movimentos que o nosso coração, sobretudo quando é jovem em idade, sente como forças interiores do amor que prometem futuro e impelem a nossa existência para a frente". "Eu sou uma missão nesta terra, e para isso estou neste mundo" (Papa Francisco, Exort. ap. Evangelii gaudium, 273).

A seção Mártires/Santos traz a biografia do Padre Francisco de Paula Victor, que foi beatificado em 14 de novembro de 2015. A Associação Padre Victor de Três Pontas revela que o Padre Victor "assumiu não só a direção espiritual do povo de Três Pontas, mas também se preocupou com a educação e a saúde. A serviço de Deus, vivenciando o Evangelho, amava seu semelhante com um amor incondicional. Servia sem nenhuma pretensão de ser servido".

A seção Mártires/Santos oferece também um texto sobre Dom Oscar Romero, que será canonizado dia 21 de outubro de 2018. O autor, Pe. Rafael Lopez, membro da Equipe Interdisciplinar da CRB, escreve que "Dom Oscar Romero assumiu os aspectos e valores da prática histórica de Jesus de Nazaré, sacrificando a própria vida. Foi assassinado por defender a mesma causa de Jesus, o Reino de Deus para os pobres". Por isso o texto entitula-se "O martírio de Dom Romero à luz do Martírio de Jesus".

A seção Informe apresenta notícias sobre o III Seminário para Formadores em Chave Intercultural – CONE SUL – CLAR, que aconteceu entre os dias 11 e 16 de junho de 2018 , aos pés da Mãe Aparecida. Os/as participantes formaram 12 comunidades de convivência e trabalhos

em grupos – metodologia proposta para o Seminário. "Iluminados e iluminadas pela dinâmica das comunidades de vivência, o trabalho final de cada comunidade foi, à luz das 7 Cartas do Apocalipse, escrever cartas para: conselhos gerais, formadores, jovens em formação, famílias, jovens, leigos e idosos, para motivar, admoestar e sintetizar o desejo de cada participante em animar cada serviço e/ou segmento a um mundo melhor e radicalizado em Jesus Cristo Mestre, Caminho, Verdade e Vida".

Irmãzinha Maria Dulcidéa de Jesus noticia a mudança de paradigma da Fraternidade das Irmãzinhas de Jesus devido à redução do número de Fraternidades ocasionada pelo envelhecimento do grupo e pela fragilidade da saúde das Irmãzinhas. Expressa a autora: "Estamos mudando de paradigma. Esse fato exige atenção, paciência, confiança e muito amor. Faz-se necessário, nesse novo tempo, ressignificar o carisma e a missão. Nossas Constituições, no capítulo 14, n. 87, dizem: "Quando formos levadas a reduzir as atividades, estaremos mais disponíveis para a oração e a escuta". Ressignificar nossa pertença neste momento em que estamos envelhecendo é "saber envelhecer com graça, em graça e na graça" (Ana Maria Mattos). É nessa atitude que queremos olhar nosso momento atual: processo de envelhecimento se acelerando com consequentes fragilidades de saúde e retorno das não-brasileiras a seus países de origem.

A seção Artigos abre-se com o texto do Pe. Paulo Suess, "Sínodo para a Amazônia e o Mundo - Vade Mecum para uma Agenda Mínima". Assim se inicia o artigo: "No dia 15 de outubro de 2017, o Papa Francisco anunciou a realização de uma Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos para a região Pan-Amazônica. Esse Sínodo, cujo tema é "Amazônia: Novos Caminhos para a Igreja e para uma Ecologia integral", será de grande importância não só para a ecologia da região, mas também porque essa região, considerada "pulmão do mundo", está com uma pneumonia aguda, que ameaça o futuro do planeta Terra. Por isso, a Amazônia já está há tempos na agenda da Igreja". O Sínodo acontecerá em outubro de 2019.

Maria Cecília Domezi publica "O Encontro com Nossa Senhora Aparecida: Significado histórico-teológico para a Vida Religiosa Consagrada". Para Maria Cecília, "aquele encontro dos pobres com Nossa Senhora revelava a ação de Deus, em espaços inusitados e com dinamismos ao revés da ordem estabelecida. Ali estava também um modo alternativo de Vida Religiosa Consagrada (VRC). É o que buscaremos desvendar, retomando alguns fios da história do Brasil colonial em 1717".

Pe. Alfredo J. Gonçalvez reflete sobre "Migrações como Desafio à Vida Religiosa Consagrada". Pergunta o autor: "Quem são os migrantes que cotidianamente atravessam nossas fronteiras, batem à nossa porta e clamam por um lugar ao sol? Para o governo e autoridades em geral, migração representa um problema que exige solução pronta e imediata; para os habitantes autoctones e alguns meios de comunicação, significa uma ameaça da qual convém manter certa distância. Diante do poder de extrema direita hoje dominante em boa parte do mundo ocidental, assistimos à politização das migrações, acompanhada da criminalização dos migrantes. Cabe então a pergunta: para nós, religiosos e religiosas, quem é o migrante? Pergunta que se funde e confunde com aquela de Jesus: "e vocês, quem dizem que eu sou?" (Mt 16,15).

Pe. Jon Sobrino faz uma "Reflexão-meditação sobre Monsenhor Romero". O autor desenvolve o texto com base em duas formulações. A primeira é de um camponês: "Monsenhor Romero disse a verdade. Defendeu-nos a nós, os pobres. E por isso o mataram". A segunda é de Ignacio Ellacuría, no funeral da UCA (Universidade Centro América): "Com Monsenhor Romero, Deus passou por El Salvador". Segundo o autor, essas formulações recolhem o fundamental: Monsenhor Romero, durante três anos, pareceu-se com Jesus de Nazaré.

"Mística e Profecia: Um olhar de Teresa de Jesus como profecia, hoje" é um texto da Irmã Assunta Romio e da Irma Rita Romio, que contempla a primeira prioridade da CRB para o triênio 2016-2019: Integrar Mística e Profecia. Esta é a ementa do artigo: "Para realizar a sua missão mística e profética, a VRC feminina atual é desafiada a sair da autorreferencialidade e a buscar novos caminhos e respostas criativas, sabendo-se impulsionada e sustentada por Aquele que a anima a viver e servir. É pertinente espelhar-se numa ousada mulher, Santa Teresa de Jesus, do Séc. XVI, que, ao decidir realizar 'o pouco que estava ao seu alcance', arriscou ir além dos espaços assinalados às mulheres, atrevendo-se a converter-se em mestra de espiritualidade, escritora e fundadora, em líder de um movimento de reforma de mulheres e de homens. Mergulhar na dinâmica teresiana é um convite à paixão pela causa e missão de Jesus Cristo. É a partir da sua experiência, peregrina do próprio interior, que a Doutora da Igreja apresenta a mística de imbuir-se na fonte Trinitária e, em decorrência, o anúncio profético de Jesus Cristo e sua humanidade."

Irmão Lauro Daros, marista

MENSAGEM DE SUA SANTIDADE O PAPA FRANCISCO PARA O DIA MUNDIAL DAS MISSÕES DE 2018

(21 DE OUTUBRO DE 2018)

FONTE: HTTPS://W2.VATICAN.VA

"Juntamente com os jovens, levemos o Evangelho a todos".

Queridos jovens, juntamente convosco desejo refletir sobre a missão que Jesus nos confiou. Apesar de me dirigir a vós, pretendo incluir todos os cristãos, que vivem na Igreja a aventura da sua existência como filhos de Deus. O que me impele a falar a todos, dialogando convosco, é a certeza de que a fé cristã permanece sempre jovem, quando se abre à missão que Cristo nos confia. "A missão revigora a fé" (Carta enc. Redemptoris missio, 2): escrevia São João Paulo II, um Papa que tanto amava os jovens e, a eles, muito se dedicou.

O Sínodo que celebraremos em Roma no próximo mês de outubro, mês missionário, dá-nos oportunidade de entender melhor, à luz da fé, aquilo que o Senhor Jesus vos quer dizer a vós, jovens, e, através de vós, às comunidades cristãs.

A vida é uma missão

Todo o homem e mulher é uma missão, e esta é a razão pela qual se encontra vivendo na terra. Ser atraídos e ser enviados são os dois mo-

vimentos que o nosso coração, sobretudo quando é jovem em idade, sente como forças interiores do amor que prometem futuro e impelem a nossa existência para a frente. Ninguém, como os jovens, sente quanto irrompe a vida e atrai. Viver com alegria a própria responsabilidade pelo mundo é um grande desafio. Conheço bem as luzes e as sombras de ser jovem e, se penso na minha juventude e na minha família, recordo a intensidade da esperança por um futuro melhor. O fato de nos encontrarmos neste mundo sem ser por nossa decisão faz-nos intuir que há uma iniciativa que nos antecede e faz existir. Cada um de nós é chamado a refletir sobre esta realidade: "Eu sou uma missão nesta terra, e para isso estou neste mundo" (Papa Francisco, Exort. ap. Evangelii gaudium, 273).

Anunciamo-vos Jesus Cristo

A Igreja, ao anunciar aquilo que gratuitamente recebeu (cf. Mt 10, 8; At 3, 6), pode partilhar convosco, queridos jovens, o caminho e a verdade que conduzem ao sentido do viver nesta terra. Jesus Cristo, morto e ressuscitado por nós, oferece-Se à nossa liberdade e desafia-a a procurar, descobrir e anunciar este sentido verdadeiro e pleno. Queridos jovens, não tenhais medo de Cristo e da sua Igreja! Neles, está o tesouro que enche a vida de alegria. Digo-vos isto por experiência: graças à fé, encontrei o fundamento dos meus sonhos e a força para os realizar. Vi muitos sofrimentos, muita pobreza desfigurar o rosto de tantos irmãos e irmãs. E, todavia, para quem está com Jesus, o mal é um desafio a amar cada vez mais. Muitos homens e mulheres, muitos jovens entregaram-se generosamente, às vezes até ao martírio, por amor do Evangelho ao serviço dos irmãos. A partir da cruz de Jesus, aprendemos a lógica divina da oferta de nós mesmos (cf. 1 Cor 1, 17-25) como anúncio do Evangelho para a vida do mundo (cf. Jo 3, 16). Ser inflamados pelo amor de Cristo consome quem arde e faz crescer, ilumina e aquece a quem se ama (cf. 2 Cor 5, 14). Na escola dos santos, que nos abrem para os vastos horizontes de Deus, convido-vos a perguntar a vós mesmos em cada circunstância: "Que faria Cristo no meu lugar?"

Transmitir a fé até aos últimos confins da terra

Pelo Batismo, também vós, jovens, sois membros vivos da Igreja e, juntos, temos a missão de levar o Evangelho a todos. Estais desabrochando para a vida. Crescer na graça da fé, que nos foi transmitida pelos sacra-

mentos da Igreja, integra-nos num fluxo de gerações de testemunhas, onde a sabedoria daqueles que têm experiência se torna testemunho e encorajamento para quem se abre ao futuro. E, por sua vez, a novidade dos jovens torna-se apoio e esperança para aqueles que estão próximo da meta do seu caminho. Na convivência das várias idades da vida, a missão da Igreja constrói pontes intergeracionais, nas quais a fé em Deus e o amor ao próximo constituem fatores de profunda união.

Por isso, esta transmissão da fé, coração da missão da Igreja, verifica-se através do "contágio" do amor, onde a alegria e o entusiasmo expressam o sentido reencontrado e a plenitude da vida. A propagação da fé por atração requer corações abertos, dilatados pelo amor. Ao amor, não se pode colocar limites: forte como a morte é o amor (cf. Ct 8, 6). E tal expansão gera o encontro, o testemunho, o anúncio; gera a partilha na caridade com todos aqueles que, longe da fé, se mostram indiferentes e, às vezes, impugnadores e contrários dessa expansão. Ambientes humanos, culturais e religiosos ainda alheios ao Evangelho de Jesus e à presença sacramental da Igreja constituem as periferias extremas, os "últimos confins da terra", aos quais, desde a Páscoa de Jesus, são enviados os seus discípulos missionários, na certeza de terem sempre com eles o seu Senhor (cf. Mt 28, 20; At 1, 8). Nisto consiste o que designamos por missio ad gentes. A periferia mais desolada da humanidade carente de Cristo é a indiferença à fé ou mesmo o ódio contra a plenitude divina da vida. Toda a pobreza material e espiritual, toda a discriminação de irmãos e irmãs é sempre consequência da recusa de Deus e do seu amor.

Hoje, para vós, queridos jovens, os últimos confins da terra são muito relativos e sempre facilmente "navegáveis". O mundo digital, as redes sociais, que nos envolvem e entrecruzam, diluem fronteiras, cancelam margens e distâncias, reduzem as diferenças. Tudo parece estar ao alcance da mão: tudo tão próximo e imediato. E todavia, sem o dom que inclua as nossas vidas, poderemos ter miríades de contatos, mas nunca estaremos imersos numa verdadeira comunhão de vida. A missão até aos últimos confins da terra requer o dom de nós próprios na vocação que nos foi dada por Aquele que nos colocou nesta terra (cf. Lc 9, 23-25). Atrevo-me a dizer que, para um jovem que quer seguir Cristo, o essencial é a busca e a adesão à sua vocação.

Testemunhar o amor

Agradeço a todas as realidades eclesiais que vos permitem encontrar, pessoalmente, Cristo vivo na sua Igreja: as paróquias, as associações, os movimentos, as comunidades religiosas, as mais variadas expressões de serviço missionário. Muitos jovens encontram, no voluntariado missionário, uma forma para servir os "mais pequenos" (cf. Mt 25, 40), promovendo a dignidade humana e testemunhando a alegria de amar e ser cristão. Estas experiências eclesiais fazem com que a formação de cada um não seja apenas preparação para o seu bom-êxito profissional, mas desenvolva e cuide um dom do Senhor para melhor servir aos outros. Estas louváveis formas de serviço missionário temporâneo são um começo fecundo e, no discernimento vocacional, podem ajudar-vos a decidir pelo dom total de vós mesmos como missionários.

De corações jovens, nasceram as Pontifícias Obras Missionárias, para apoiar o anúncio do Evangelho a todos os povos, contribuindo para o crescimento humano e cultural de muitas populações sedentas de Verdade. As orações e as ajudas materiais, que generosamente são dadas e distribuídas através das POMs, ajudam a Santa Sé a garantir que, quantos recebem ajuda para as suas necessidades, possam, por sua vez, ser capazes de dar testemunho no próprio ambiente. Ninguém é tão pobre que não possa dar o que tem e, ainda antes, o que é. Apraz-me repetir a exortação que dirigi aos jovens chilenos: "Nunca penses que não tens nada para dar, ou que não precisas de ninguém. Muita gente precisa de ti. Pensa nisso! Cada um de vós pense nisto no seu coração: muita gente precisa de mim" (Encontro com os jovens, Santiago – Santuário de Maipú, 17/I/2018).

Queridos jovens, o próximo mês missionário de outubro, em que terá lugar o Sínodo a vós dedicado, será mais uma oportunidade para vos tornardes discípulos missionários cada vez mais apaixonados por Jesus e pela sua missão até aos últimos confins da terra. A Maria, Rainha dos Apóstolos, ao Santos Francisco Xavier e Teresa do Menino Jesus, ao Beato Paulo Manna, peço que intercedam por todos nós e sempre nos acompanhem.

Vaticano, 20 de maio – Solenidade de Pentecostes – de 2018.

FRANCISCO

DADOS BIOGRÁFICOS DE PADRE FRANCISCO DE PAULA VICTOR

Associação Padre Victor de Três Pontas[1]

Foi em 12 de abril de 1827, que, em Campanha, sul de Minas Gerais, nasceu Padre Victor. Filho da escrava Lourença Maria de Jesus, viveu na casa de D. Mariana Bárbara Ferreira que, além de sua madrinha, foi sua educadora e uma grande protetora. Francisco cresceu sempre admirado e amado por todos que ali viviam. Modesto, disciplinado e muito piedoso, fazia-se espelho para os demais.

Ainda jovem, aprendeu o ofício de alfaiate; contudo, sentia um grande desejo de ser padre. Aconselhando-se com D. Viçoso, bispo de Mariana, dedicou-se ao estudo do latim e da música. E, em plena época da escravidão, quando negro era discriminado, Victor entrou para o seminário, onde passou por humilhações e donde saiu vitorioso: ordenou-se Padre em 14 de junho de 1851. Permaneceu em Campanha até junho de 1852, quando veio para Três Pontas, onde paroquiou por 53 anos.

Assumiu não só a direção espiritual do povo de Três Pontas, mas também se preocupou com a educação e a saúde. A serviço de Deus, vivenciando o Evangelho, amava seu semelhante com um amor incondicional. Servia sem nenhuma pretensão de ser servido.

Faleceu em 23 de setembro de 1905, em Três Pontas, MG. E lá do céu, continua a amparar todos aqueles que dele necessitam.

1 Associação Padre Victor de Três Pontas. Endereço: Praça Cônego Victor, nº 45. Fone/fax: (35) 3265-2627. Site: padrevictor.com.br; E-mail: padrevictor@tpnet.psi.br

Em 10 de maio de 2012, o Santo Padre, o papa Bento XVI, assinou o Decreto de Venerável do Padre Victor.

Em 05 de junho de 2015, o Santo papa Francisco promulgou decreto concernente ao milagre atribuído à intercessão de Francisco de Paula Victor, sacerdote diocesano.

Foi beatificado em 14 de novembro de 2015.

"Os santos são reflexos de Deus.

Padre Victor é luz radiante que ilumina nossas vidas."

Oração

Ó Deus, vós modelastes o Beato Francisco de Paula Victor segundo o Coração de Vosso Filho Jesus. Pelo bem que fez às crianças e aos pobres, concedei-nos a virtude da caridade, para amarmos a Vós e aos irmãos e irmãs.

Por Cristo nosso Senhor. Amém.

Com aprovação Eclesiástica

Informações:

- Todos os domingos, às 10 horas e 30 minutos, Santa Missa na Matriz de Nossa Senhora d´Ajuda, Três Pontas, MG.
- Bênção especial.
- Visitas ao acervo, registro de graças e de romarias no Memorial Padre Victor. Praça Cônego Victor, nº 45 – Três Pontas, MG.

Horário de funcionamento do Memorial Padre Victor

- De segunda a sexta-feira: das 8 às 12 horas e das 14 às 18 horas.
- Aos sábados: das 8 às 12 horas e das 14 às 16 horas.
- Aos domingos: das 8 às 12 horas.

Você sabia?

- Que Padre Victor nasceu em Campanha, MG, em 12 de abril de 1827, em plena escravidão negra?
- Que era filho da escrava Lourença Maria de Jesus?
- Que na sua adolescência e juventude, foi alfaiate?

- Que em uma época em que o negro não tinha nem vez e nem voz, ele recebeu o apoio do Bispo Dom Viçoso, que o acolheu no Seminário de Mariana?
- Que sua madrinha de Batismo, Mariana Bárbara Ferreira, doou-lhe um dote para que pudesse ir para o Seminário?
- Que no Seminário passou por muitas humilhações, pois seus colegas "brancos" se recusavam a aceitá-lo?
- Que em 14 de junho de 1851, foi ordenado padre?
- Que, como padre, permaneceu em Campanha até junho de 1852?
- Que em 13 de junho de 1852, veio para Três Pontas, paroquiando por cinquenta e três anos?
- Que ele fundou, em Três Pontas, a Escola Sagrada Família, que atendia não só a cidade, mas toda a região?
- Que a fama de suas virtudes ecoa em longínquas terras e, por esse motivo, o processo de sua beatificação já está em fase muito adiantada?
- Que de 14 a 22 de setembro, há novena pela Canonização do Padre Victor? Várias celebrações, confissões?
- Que em 23 de setembro, em Três Pontas, MG, comemora-se o aniversário de morte do Padre Victor?
- Que em Três Pontas, MG, na Praça Cônego Victor, nº 45, existe um acervo com os pertences do Padre Victor?
- Que todo dia 23 celebra-se a Novena Mensal pela Canonização do Beato Francisco, tendo início em dezembro e término em agosto?
- Que todo domingo, às 10 horas e 30 minutos, na Matriz de Nossa Senhora d´Ajuda, em Três Pontas, MG, há a Santa Missa pela Beatificação do Padre Victor, com bênção especial para o romeiro?
- Que na Associação Padre Victor, registram-se as graças e as romarias?
- Que Padre Victor tinha o propósito de converter as derrotas em vitórias, recorrendo a Deus e começando de novo?
- Que no dia 14 de novembro de 2015, foi celebrada a cerimônia de Beatificação de Francisco de Paula Victor?
- Que, no dia 15 de novembro de 2015, foi a missa em ação de graças pela beatificação com procissão luminosa pelas ruas de Três Pontas, MG?

Padre Victor é considerado o *Anjo Tutelar de Três Pontas.*

A sua memória continua viva no coração do povo.

"Os grandes homens não morrem! Deixam de existir na terra, para viverem no coração agradecido dos povos e nas páginas da História. Padre Victor é desses homens; não morreu, portanto! Está vivo no coração do povo, que o ouviu, que sentiu sua presença e que admira suas virtudes.Virtudes nobres, respeitáveis, ao mesmo tempo humildes e simples, cuja lembrança basta para nos cobrir de bênçãos."

SÃO OSCAR ROMERO, BISPO E MÁRTIR DA AMÉRICA LATINA

Pe. Rafael Lopez Villasenor[1]

A canonização de Dom Oscar Arnulfo Romero acontecerá em Roma, no domingo, 21 de outubro de 2018, junto com Paulo VI. Com a canonização conjunta do arcebispo de San Salvador e Giovanni Montini, o papa Francisco quer ressaltar e unir na mesma cerimônia dois "símbolos" que foram firmes aos ventos renovadores do Concilio Vaticano II.

Dom Oscar Arnolfo Romero, arcebispo de San Salvador, mártir e profeta do nosso tempo, nasceu em Cidade Barrios, El Salvador, em 15 de agosto de 1917. De origem humilde, formou-se padre vinte anos antes do Concílio. Apesar de aceitar as mudanças do Concílio, resistiu no começo às conclusões de Medellín, que o foram modelando. A transformação de "conservador" em "crítico" da ditadura salvadorenha deu-se quando era arcebispo de San Salvador, como resultado do contato com os pobres, do assassinato indiscriminado do povo, de líderes das Comunidades Eclesiais de Base, de religiosas e padres, como o Pe. Rutilio Grande.

Foi assassinado enquanto celebrava a Eucaristia na capital salvadorenha em 24 de março de 1980, por uma bala disparada por um atirador de elite do exército de El Salvador, querendo calar a voz de pastor e profeta, clamor que continua sendo a voz dos sem voz. Sua morte provocou uma onda de protestos em todo o mundo e pressões internacionais por reformas em El Salvador.

1 Doutor em Ciências Sociais, mestre em Ciências da Religião. Membro do grupo Interdisciplinar da CRB (Conferência dos Religiosos do Brasil). Padre da Congregação dos Missionários Xaverianos. rafamx@gmail.com

O caminho percorrido pelos mártires, como Dom Oscar Romero na América Latina, ilumina o caminho de Jesus; da mesma forma, o caminho de Jesus ilumina o caminho dos mártires. O martírio tem a ver com a vida e com a morte, práxis e opção de Jesus de Nazaré. Dom Oscar Romero assumiu os aspectos e valores da prática histórica de Jesus de Nazaré, sacrificando a própria vida. Foi assassinado por defender a mesma causa de Jesus, o Reino de Deus para os pobres.

Dom Romero não buscou a morte, como não a buscou Jesus de Nazaré; ela foi consequência da prática do anúncio do Reino e da denúncia da injustiça na sociedade. Quando Dom Oscar desmascarou e deslegitimou os princípios econômicos, sociais e políticos do sistema do país que oprimia e assassinava o povo, teve como decorrência a morte dele, por assumir o projeto do Jesus de Nazaré, porém foi uma morte anunciada pelo sistema para calar a voz dos sem voz.

Dom Romero estava marcado para morrer, da mesma maneira como esteve Jesus de Nazaré. "Nem todo Cristão, nem toda Igreja sofre o martírio, só as pessoas e Igrejas que se comprometem com o Reino e põem em perigo o poder e privilégios dos que dominam aos pobres, camponeses e excluídos"[2]. Porém, quando a Igreja está integrada à estrutura romana, os profetas e mártires desaparecem. Profecia e martírio caminham juntos.

Dom Oscar Arnulfo Romero, Arcebispo de San Salvador, sabia que seria morto como muitos outros salvadorenhos tinham sido assassinados:

Tenho sido frequentemente ameaçado de morte. Devo dizer-lhes que, como Cristão, não creio na morte sem a ressurreição. Se me matam ressuscitarei no meu povo salvadorenho. Digo isso sem orgulho, com a maior humildade... Como pastor estou obrigado a dar a vida por quem amo, que são todos os salvadorenhos, como também aqueles que vão me matar. Se chegarem a cumprirem as ameaças, desde agora ofereço a Deus meu sangue pela redenção e ressurreição de El Salvador.[3]

Uma comparação entre os relatos do anúncio da paixão e morte de Jesus[4], com os relatos da morte dos mártires, nos leva a encontrar uma

2 BRAVO, Carlos. Martirio y opresión, em *Christus*, año LV, 6633. Marzo, México,1990, pp. 46-50. p. 50

3 ROMERO, *homilias* p. 49.

4 Ameaças de prisão de Jesus de Nazaré: Mc. 12,12; Jo. 7,30.32.44;10,39. Tentativas e ameaças de eliminação: Mc. 3,6; 11,18; Lc. 4,28-30; Jo. 5,18.59; 10,31. Planos para matá-lo: Mc. 14,1-2; Jo. 11,45-52. Anúncios simbólicos: Mc. 2,19-20; 14,6-8.22-25.27; Lc. 13,31-33;23,31. Anúncios da paixão: Mc. 8,31; 9,31;10,32-34.

grande semelhança. Jesus e os mártires foram ameaçados de morte, perseguidos e eliminados. Leonardo Boff estabelece a seguinte relação: "Sangue de Jesus Cristo, sangue dos mártires, paixão de Cristo, paixão do mundo, paixão e sangue constroem a nova humanidade, sangue e paixão constroem a nova Igreja"[5]. Esta semelhança está na relação da significação muito próxima que revela o sentido destas mortes. Tanto os mártires como Jesus foram perseguidos e rejeitados por suas ações, gestos e palavras, que incomodavam os poderosos da época. A morte, enraizada na história, é consequência da prática de justiça em favor dos pobres, é uma morte pelo Reino em favor da Vida. Como Jesus, os mártires morrem devido ao testemunho.

A morte e o assassinato de Jesus e de Dom Romero, igualmente o extermínio dos pobres, têm suas causas históricas. Só compreensíveis a partir dos conflitos sociais, políticos, econômicos e religiosos de uma determinada estrutura social. Os mártires são eliminados por um sistema de morte e pelas forças do mal. A morte de Jesus, como dos mártires, é uma morte anunciada, planejada. Primeiro, são ameaçados de morte, torturados e perseguidos por serem uma "ameaça" aos privilégios do sistema; em seguida, são assassinados e massacrados[6].

A morte de Jesus de Nazaré e a morte de Dom Oscar Romero e de tantos outros mártires na América Latina são fruto do anúncio do Reino de Deus, da denúncia das injustiças e opressões. Por isso, tanto os mártires, como Jesus de Nazaré, foram profetas eliminados por não aceitarem o sistema sacrificial que elimina os pobres.

O povo crucificado como servo sofredor

Ellacuria[7], mártir de El Salvador, afirmava que é bom falar de "Deus crucificado", mas também do "povo crucificado". Puebla, ao falar do povo crucificado, descreve os rostos sofridos na América Latina, que nos levam a reconhecer as feições sofredoras de Cristo, o Senhor que nos questiona e interpela (Cf. Puebla 32-39). Por sua vez, o Documento de Aparecida fala que o "encontro com Jesus Cristo através dos pobres é uma dimensão constitutiva de nossa fé em Jesus Cristo. Da contemplação do rosto sofredor de Cristo neles" (DAp 257). Além

5 BOFF, L. *Pé na caminhada* ,Verbo Filmes, 1988.

6 FERRARO, B. *Cristologia em tempos de ídolos e sacrifícios,* Ed. Paulinas, São Paulo, 1992 p. 89

7 Ignacio Ellacuria assassinado, junto com outros cinco Jesuítas: Amado Lopez Quintana, Juan Ramón Moreno, Joaquim Lopez y Lopez, Ignacio Matín Barón, Segundo Lopez e o próprio Ignacio Ellacuria e as duas empregadas domésticas: Elba Julia Ramos e a filha Celina Ramos o dia 16 de Novembro de 1989.

disso, na América Latina a Vida Religiosa Consagrada é chamada a ser uma vida discipular, na tradição da santidade e do martírio de tantas consagradas e tantos consagrados na história do Continente (DAp 220).

Dom Oscar Romero descreve a situação de martírio do povo Salvadorenho como um povo crucificado, na Universidade de Lovaina (Bélgica), em 02 de fevereiro de 1980.

> ...em menos de três anos, mais de cinquenta sacerdotes foram atacados, ameaçados e caluniados; seis deles tornaram-se mártires, morreram assassinados. Vários outros foram torturados e diversos expulsos do país. As religiosas também têm sido objeto de perseguição... Se com os representantes mais visíveis da Igreja acontece isso, vocês podem imaginar o que ocorre com o simples povo Cristão, com os camponeses, os catequistas, os delegados da palavra e as Comunidades Eclesiais de Base. Aí, os ameaçados, presos, torturados, assassinados contam-se às centenas e aos milhões... Não se perseguiu qualquer sacerdote nem se atacou qualquer instituição. Perseguiu-se e atacou-se a parte da Igreja que se colocou do lado do povo pobre e tomou sua defesa... A verdadeira perseguição dirigiu-se contra o povo pobre, que é hoje o corpo de Cristo na história. Os pobres são o povo crucificado, como Jesus, é o povo perseguido como o povo de Javé. São eles que completam em seu corpo o que falta à paixão de Cristo. Por isso, quando a Igreja se organizou e se unificou, sofreu a mesma sorte de Jesus e dos pobres: a perseguição[8].

Dom Oscar Romero tinha consciência de que o povo estava sendo massacrado e martirizado. Na homília do Sábado de Aleluia (1979), afirmava:

> Graças a Deus, temos páginas do martírio, não somente na história do passado, como também na hora presente. Há sacerdotes, religiosos, catequistas, homens humildes do campo assassinados e massacrados, que tiveram seus rostos desfeitos e esmagados, foram perseguidos por serem fiéis ao único Deus e Senhor[9].

A Cruz para os pobres significa não só pobreza, mas também a morte lenta e real antes do tempo, provocada pela exploração de uns poucos. No caso do El Salvador, as vítimas foram cerca de oitenta mil pessoas, entre mortos e desaparecidos. Morrer crucificado não significa só morrer, mas ser assassinado e massacrado. A cruz é imposta pelos diversos poderes. Cruz é aquilo que limita a vida, que faz sofrer e dificulta andar[10]. "O povo crucificado é a continuação histórica do servo sofredor de Javé, do qual o pecado do mundo continua tirando

8 ROMERO, *homilias*, 48-49

9 BRAVO, C. Martirio y opresión, p.49.

10 BOFF, L. *Paixão de Cristo, paixão do mundo,* Vozes, Petrópolis, 1977 p.158.

toda a figura humana, do qual os poderes deste mundo continuam despojando de tudo, continuam arrebatando-lhe até a vida"[11]. Diante da realidade sofrida do povo crucificado do El Salvador, Dom Oscar Romero se colocou do lado dos pobres, do lado do povo sofredor.

O servo de Javé é homem de dores, habituado ao sofrimento (Is 53,3), essa era a condição do povo crucificado salvadorenho: fome, doença, analfabetismo das maiorias da sociedade. Eles são considerados como o povo crucificado, o servo sofredor. Entretanto, apareceu Dom Romero junto com setores da Igreja, igual ao servo de Javé, para estabelecer a justiça e o direito (Is 42,4-7), que se assemelham com o servo desfigurado, não sendo mais considerados como gente, causando espanto, asco e horror (Is. 52,14; 53,2). O povo crucificado "desprezável e os homens, não fazem caso dele" (Is. 53,3), tirando-lhe tudo, até a dignidade. O servo sofreu pacientemente, foi humilhado, sofrendo as consequências de uma estrutura injusta, onde se vive e se morre esmagado (Is. 53, 4-12) como tantas pessoas no continente.

Em certa ocasião em que o exército torturava e massacrava os camponeses, Dom Oscar Romero disse aos soldados:

> Irmãos, vocês são do mesmo povo. Estão matando vossos irmãos camponeses. Nenhum soldado é obrigado a obedecer uma ordem contrária à lei de Deus. Ninguém deve obedecer a uma lei imoral. Devem obedecer às suas consciências e não a uma ordem pecaminosa. Em nome de Deus, em nome deste povo sofrido cujos gritos se elevam cada dia mais alto no céu, imploro, suplico, ordeno: em nome de Deus, parem com a opressão[12].

Dom Romero sabia que o povo salvadorenho vivia constante e cotidianamente no sofrimento, sem nenhuma defesa, como o servo de Javé. O povo era simplesmente morto e massacrado. Era o povo crucificado. Estas maiorias, oprimidas durante a vida e massacradas durante a morte, são as que melhor expressam o sofrimento do mundo. Elas completam na própria carne o que falta à paixão de Cristo, fazendo o servo sofredor e o Cristo crucificado. Cada dia se matavam inocentes em El Salvador. Dom Romero morreu pela justiça do Reino de Deus, por ter coragem de denunciar, no seu programa de rádio dominical, os torturadores e assassinos de tantos pobres e c amponeses. Ele é o exemplo de profunda santidade, um pastor que teve a coragem de dar a própria vida como bom Pastor.

Finalmente decidiu viver, tomando consciência de sua cruz, protestou e lutou para sair dela. Por isso, Dom Romero foi chamado de comunista,

11 SOBRINO, J. *Jesus o libertador; a história de Jesus de Nazaré* Ed Paulos, São Paulo, 1994 p. 368.
12 ROMERO, *homilias*

terrorista por invocar o Deus da Vida. A repressão contra sua luta foi brutal (Is. 53,8-9), primeiro tentando desacreditá-lo, dizendo que era "subversivo" e "perigoso", logo sendo assassinado e sua morte não foi investigada (Is. 53,9), por ser um assassinato encomendado pelo sistema. O servo sofredor é morto por estabelecer o direito e a justiça (Is. 42,1.4). A sorte do povo crucificado acaba analogicamente como o destino do servo.

O servo é escolhido por Deus para ser a salvação do mundo (Is. 49, 3-7); o fraco também é o escolhido para salvar o mundo, sendo contraditório aos olhos da história, onde aparecem os poderosos e grandes como salvadores. A opressão interiorizada gera consciência e gera organização para a libertação. Assim os oprimidos trazem a salvação como Cristo trouxe salvação.

O servo carregou o pecado alheio (Is. 53,5-9), o pecado de muitos (Is. 53,12). O povo crucificado leva nos ombros o pecado de seus opressores. O sistema que elimina os pobres é identificado com o neoliberalismo, que suprime os fracos por não terem possibilidades de competir no mercado. O pobre é sempre um perdedor e não pode sonhar com direitos humanos. Os pobres e excluídos tornam-se verdadeiro lixo que não serve mais ao sistema. O que conta é a lógica do mercado. Ele é o que decide a vida e a morte.

Porém, não há salvação só pelo fato de ser crucificado, humilhado e assassinado; não é no sofrimento que está a salvação, isto seria absurdo! É necessário ressuscitar. Nas palavras de Ellacuria: "só um povo que vive porque ressuscitou da morte imposta é que pode salvar o mundo"[13]. Assim como Jesus crucificado ressuscitou, o povo crucificado deve ressuscitar. A ressurreição de Jesus é a esperança da ressurreição e de futuro para os crucificados, que estão ainda na Sexta-Feira Santa e lutam para ressuscitar e terem vida em abundância (cf. Jo 10,10).

A ressurreição de Jesus torna-se afirmação da vida e rejeição de todo estado de morte. É a supremacia da vida sobre a morte, ele aparece aos apóstolos com uma corporeidade, tem fome, desejo de partilha; a santificação de Dom Oscar Romero, bispo, profeta e mártir de nosso tempo pelo papa Francisco torna-se também um protesto contra a opressão dos crucificados da história. A ressurreição é a afirmação à vida corpórea dos pobres, dos sem-direitos, sobre todo tipo de morte e de opressão, manifestando o Deus da Vida.

13 ELLACURIA, I. "El pueblo crucificado", em Mysterium Liberationis; Conceptos fundamentales de la Teologia de la Liberación, Tomo II. Ed. Trotta, Valladolid, España, 1990, pp. 189-215 p. 215.

Questões

- O martírio é consequência do seguimento de Jesus. Na sua comunidade e Igreja, o Evangelho é vivenciado de maneira profética?
- Na realidade em que vivemos, quem é o povo crucificado e qual é nosso compromisso com os crucificados?
- De que maneira São Oscar Romero é inspiração para a nossa comunidade e para a Vida Religiosa Consagrada?

III SEMINÁRIO PARA FORMADORES EM CHAVE INTERCULTURAL

CONE SUL – CLAR - 2018
CARTAS DAS COMUNIDADES DE VIVÊNCIA

Pe. José Carlos[1]

Entre os dias 11 e 16 de junho de 2018, aos pés da Mãe Aparecida, ocorreu o III Seminário para Formadores em Chave Intercultural, no Centro de Espiritualidade Santo Afonso (Aparecida – SP / Brasil).

Em 2011, começou um caminho de reflexão e busca conjunta com formadores e formadoras que acompanham comunidades interculturais, animado pelas cinco Conferências de Religiosos e Religiosas do Cone Sul da CLAR. Naquele ano, realizou-se na Argentina o I Seminário para Formadores e Formadoras em chave de Interculturalidade, e em 2014 foi a vez do II Seminário no Chile. Dado que precisamos estar em contínua busca, foi convocado o III Seminário, que se realizou no Brasil.

Esse Seminário teve como objetivo partilhar, refletir, construir, participar e encontrar um ambiente que nos proporcione enriquecimento pessoal, comunitário e institucional.

Como expressava a presidente da CRB-Nacional, Irmã Maria Inês Vieira Ribeiro: "somos chamados a dialogar com as diferentes linguagens buscando reflexões e não soluções, por sermos surpreendidos a cada instante de nosso serviço na formação com diversas realidades".

1 josecarlos@paulinos.org.br

Ainda nos motivou a termos um espírito de ousadia em buscar o melhor caminho para a missão de acompanhar o processo formativo em nossas instituições.

Nessa semana, procuramos partilhar, refletir, construir, participar e encontrar um ambiente que nos proporcione enriquecimento pessoal, comunitário e institucional. Éramos mais de 100 religiosas/os participantes de 81 Congregações de diferentes países e culturas, formando 12 comunidades de convivência e trabalhos em grupos - metodologia proposta pelo Seminário.

Iluminados e iluminadas pela dinâmica das comunidades de vivência, o trabalho final de cada comunidade foi, à luz das 7 Cartas do Apocalipse, escrever cartas para: conselhos gerais, formadores, jovens em formação, famílias, jovens, leigos e idosos, para motivar, admoestar e sintetizar o desejo de cada participante em animar cada serviço e/ou segmento a um mundo melhor e radicalizado em Jesus Cristo Mestre, Caminho, Verdade e Vida.

Nosso desejo é de caminharmos juntos e juntas, e pedimos ao Espírito que desperte em nós um coração apaixonado pelo Reino.

Desde Aparecida, invocamos a intercessão de nossa Mãe Maria.

Aparecida-Brasil, 11 a 16 de junho de 2018.

Às Caríssimas Irmãs e Caríssimos Irmãos dos Conselhos Gerais!

Agradecemos a Deus pela missão de animação que vocês realizam na Congregação e pela oportunidade que nos ofereceram de participar do III Seminário para Formadores em Chave Intercultural, em Aparecida, Brasil, promovido pela CLAR e CRB NACIONAL.

Somos mais de 100 religiosas/os participantes de 81 Congregações de diferentes países e culturas, formando 12 comunidades de convivência e trabalhos em grupos - metodologia proposta pelo Seminário.

Reconhecemos a confiança, a dedicação, a abertura, o interesse e o amor com que buscam e acolhem as propostas do Espírito, que sopra onde quer, para discernirmos os caminhos de respostas aos seus apelos e inspirações.

Pareceu bem ao Espírito Santo e a nós escrever-lhes a respeito do processo formativo. Sabemos que vocês nos animam com sabedoria, na nossa missão de acompanhantes das pessoas no seu itinerário vocacional.

Entendemos como valores inegociáveis da Vida Religiosa Consagrada: a centralidade em Jesus Cristo e seu Evangelho, o Carisma Congregacional e a Opção Preferencial pelos Pobres. O nosso desafio hoje é viver esta busca de forma intercultural e intercongregacional.

A formação necessita mudar seu paradigma, de linear e em etapas, para processos integradores que brotem de um verdadeiro encontro com Jesus e gerem transformação. Somos chamados à vivência comunitária e cosmocêntrica, mas, percebemos que, apesar dos sinais dos tempos, muitas vezes a preocupação é manter as obras e estruturas. Precisamos nos perguntar: para que queremos vocações? Para nossa Congregação ou para o Reino de Deus?

Nosso desejo é de caminharmos juntos e pedimos ao Espírito que desperte em nós um coração apaixonado pelo Reino.

Desde Aparecida invocamos a intercessão de nossa Mãe Maria.

Nossa saudação fraterna.

(Comunidade Ipê e Mandioqueiro)

Carta aberta às famílias cristãs

Estimadas famílias!

Reunidos no III seminário de formadores em Chave Intercultural na casa da mãe Aparecida, queremos dirigir a vocês algumas palavras de carinho e exortação. Sabemos da importância da família para o mundo, tanto assim que o próprio Deus quis habitar na terra no seio de uma família. Conhecemos as lutas diárias que tendes para levar adiante a difícil tarefa como família, em criar seus filhos numa sociedade onde os valores estão tão inversos. Sabemos da luta para a sobrevivência, com a falta de apoio, de políticas públicas que colaborem para o crescimento e autonomia de todos os povos.

Com tudo isso vemos também as alegrias, a forma como estão conduzindo seus lares na superação dos desafios, reconhecendo que toda a família procura dar o melhor para os seus. Lembramos que vocês não estão sozinhos, são parte de um todo e, por isso, não percam de vista que somos criaturas amadas por Deus.

Atentos à realidade, convidamos a todos e todas a voltarem-se para o centro das nossas vidas, que é a pessoa de Jesus com seus ensinamentos e orientações para a cultura da vida. Recordando que o nosso principal chamado, a nossa primeira vocação é a vida, e a vida em plenitude.

A partir de algumas constatações, vemos que estão vivenciando um momento muito complicado em que colocam todas as suas energias no trabalho e outros interesses, faltando espaço para o encontro, o diálogo, o afeto, etc, dando espaço para uma cultura da morte (depressão, violência, suicídios, vícios) e a falta de sensação de liberdade, em que vai-se dando espaço para outros valores que em nada contribuem para o bem de nossas famílias.

Contudo, não se esqueçam de que somos criaturas de Deus, criadas para ter a vida em plenitude, onde a nossa primeira vocação é a felicidade, e eu os criei para a felicidade. Portanto, não se afastem deste caminho de vida. Contem conosco, com nossas orações e nossa presença afetiva e atuante no que precisarem.

Fraternal abraço em nome de todos os religiosos e religiosas presentes neste seminário.

Aos pés da Aparecida, consagremos as nossas famílias à sagrada família de Nazaré, que ela vos inspire na vivência e conte com nossas orações.

(Comunidad Paimaneira)

Aos leigos e às Leigas da Igreja de Jesus Cristo, presentes em várias partes do mundo

Queridos e amados leigos, queridas e amadas leigas, a paz de Nosso Senhor Jesus Cristo esteja com vocês!

Sabemos da importância que vocês têm para a vida de toda a Igreja e do compromisso que assumem no dia a dia para fazer presente o Reino de Deus

Estivemos reunidos no III Seminário de Formadores da Vida Religiosa Consagrada do Cone Sul, em Chave Intercultural, de 11 a 16 de junho de 2018, em Aparecida/SP. Foram momentos de convivência, intensa reflexão, partilha de experiências e reafirmação da nossa identidade como Vida Religiosa Consagrada inserida na Igreja e na sociedade.

Enriquecidos pela diversidade das culturas e interpelados pelas novas e aceleradas mudanças do mundo atual, assumimos o compromisso de

rever nossa vida e missão enquanto formadores a partir de uma compreensão cosmocêntrica, fundamentada na proposta do papa Francisco, presente na Encíclica *Laudato Si'*. Optamos, também, pelo diálogo como forma profética de relação com o mundo de hoje. Para isso, é preciso que estejamos unidos como Igreja, discípulos missionários, respondendo ao chamado que recebemos no Batismo.

Irmãs e irmãos, sejamos capazes de pensar como geradoras/es de vida na abundância da graça de Deus. Animemo-nos a "sair" profeticamente sendo protagonistas da história que transitamos.

Que Deus misericordioso nos abençoe, o seu Espírito nos ilumine e nossa Mãe Aparecida interceda por nós.

Nossas saudações fraternas!

(Comunidades Genipapo e Murici)

Carta aos Jovens em processo formativo!

Queridas/os Jovens formandas/os, Jesus Cristo continua passando por nossos caminhos e com seu olhar nos interpela amorosamente a segui-lo, pois a vocação nasce no coração de Deus e vai sendo concretizada no mistério da vida de cada ser humano. Nestes dias, vocês estiveram bem presentes em nossas orações, intenções e reflexões durante o III Seminário de Formadores em Chave Intercultural, e gostaríamos de compartilhar com vocês as luzes e interpelações.

Lembramos de vossas buscas, desejos, processos, de como almejam fazer uma experiência significativa e uma opção verdadeira pelo Cristo e seu Reino, na Vida Religiosa Consagrada, no cerne dos diversos carismas na Igreja.

Primamos para que vocês possam ser acompanhados de forma personalizada e que possamos favorecer o seu enraizamento em Jesus Cristo, de forma integrada. Frente ao mundo egocêntrico, fomos interpelados a fortalecer o cosmocentrismo que traz a vida no centro inter-relacionada com toda a criação. Saibam sair de uma visão antropocêntrica para uma visão holística, intercultural e para o cuidado com a criação.

Isso exige um jeito diferente! Porém, queridas/os formandas/os, "ninguém educa o outro, ninguém se educa sozinho, nos educamos mutuamente". Diante deste processo, queremos ajudá-las/os a trazerem para fora o que vocês tem de mais precioso dentro de vocês. Somos acompanhantes no caminho, mas as/os protagonistas são vocês. A resposta está dentro de cada um!

Deixem-se ser acompanhados/as neste processo dinâmico de discernimento, com transparência, abertura e disponibilidade, fortalecendo e não perdendo de vista a nossa identidade que levará cada uma e cada um à integração da própria vida. Pois sonhamos com uma vida religiosa profética, simples, orante, alegre e apaixonada pelo Reino de Deus.

Ouçam os apelos de Deus através do Evangelho, da opção preferencial pelos pobres, diante dos desafios do mundo de hoje. Vossas opções devem ser centradas em Jesus Cristo e na riqueza de vossos carismas fundacionais, atualizando-os sempre.

Que vossas respostas sejam livres, alegres e comprometidas/os dentro de seu processo de formação. Sejam corajosas/os e não se deixem levar pelas influências deste mundo fragmentado. Não tenham medo de fazer a diferença! Sejam agentes na nova geração da Vida Religiosa Consagrada. Juntas/os sejamos profetas do Reino que caminham ao encontro da vida, na vida e pela vida.

Confiamos vossas vidas nas mãos de Maria, a primeira discípula e vocacionada do Pai e a todos as/os nossas/os fundadoras/es.

Deus seja bendito para sempre!

(Irmãos da Comunidade Jacarandá e Comunidade Graviola)

Queridos/as Jovens!

Os desafios e possibilidades que vocês têm encontrado no mundo atual também nos movem e comprometem.

Vocês são protagonistas da história e têm contribuído com sua forma de ser:

– Autônomos, livres, sonhadoras/es, críticas/os, irreverentes e comprometidas/os com causas sociais, ecológicas e religiosas.

Ao acompanhá-las/os, percebemos atitudes, reações e comportamentos que necessitam ser integrados como processo normal do seu desenvolvimento e amadurecimento humano-espiritual.

Acreditamos no potencial de vocês e nos dispomos a caminhar juntas/os, comprometidas/os na construção de um mundo justo e solidário.

Contem conosco!

(Comunidade Copaíba)

Queridas/os formadoras/es!

Nós, reunidos/as no III Seminário de Formação Inicial em Chave Intercultural, nos dias 11 a 16 de junho, em Aparecida –SP, motivados/as pela luz do Espírito, vimos condividir com vocês os frutos desta experiência que aqui tivemos, de reflexão, partilha e convivência.

Compartilhamos alguns dos temas tratados: - Processo de Transformação, Criação em Formação e Chave Ecológica; - Contexto de Transformação e Significado dos Conselhos Evangélicos; - Interiorização e Escuta da Palavra; - Construção de Linhas Inspiradoras no Processo Formativo.

Além disso, tivemos uma visita guiada ao Santuário Nacional de N. S. Aparecida, cuja teologia expressada na arte nos convida a uma visão integrada da criação com o Criador. Ao mesmo tempo, nos interpela a uma mudança de paradigmas, passando de uma visão antropocêntrica a uma visão cosmocêntrica da formação.

Esta, como sabemos, é uma realidade dinâmica, que deve partir e nos conduzir, permanentemente, ao encontro com Cristo, que é a fonte da VRC. As propostas formativas tradicionais, com etapas rígidas e fixas, já não correspondem à realidade. Há uma necessidade de mudanças de paradigmas, abandonando tais processos lineares, para abrir-nos a processos vitais de formação.

Criar um ambiente formativo de diálogo, de acompanhamento pessoal e comunitário, de respeito e confiança, é algo exigente e necessário, que deve brotar primeiro dentro de vocês, como experiência própria da vossa vida, para chegar ao coração das/os vossas/os formandas/os, de tal modo que o coração delas/es e o vosso se configure cada vez mais com o coração de Cristo. Ao longo do seminário trabalhamos em comunidades em que experimentamos que é possível conhecer a fundo outras culturas, receber e dar sem mesclar, interculturalmente.

Dentro de tudo o que vivemos aqui, sugerimos que cada comunidade procure viabilizar uma proposta formativa, flexiva e respeitosa aos processos vitais, em que, a partir da experiência fundante, demos visibilidade ao Evangelho, com uma vida simples, coerente e despojada.

Se vocês forem fiéis ao Espírito, neste processo de formação contínua, gerarão sementes de esperança e de vida nova, para a Vida Religiosa Consagrada e para o mundo.

Desde a casa da Mãe Aparecida, abraçamos cada uma e a cada um em Cristo Jesus, rogando sobre vós sua bênção e proteção.

Queridos Irmãos Idosos e queridas Irmãs Idosas!

Estamos concluindo o III Seminário para Formadores em Chave Intercultural, que se realizou aos pés de Nossa Senhora Da Conceição Aparecida, na cidade de Aparecida/SP – Brasil, nos dias 11 a 16 de junho de 2018.

Participaram cerca de 100 pessoas de 81 congregações religiosas provenientes dos seguintes países: Argentina, Brasil, Chile, Paraguai, Peru e Uruguai. Tratamos temas como: processo de transformação; criação e formação em chave ecológica, a identidade da Vida Religiosa Consagrada.

Formamos pequenas comunidades intercongregacionais nas quais partilhamos experiências de vida e de missão e discutimos propostas para um caminho formativo em chave intercultural. Como fio condutor das nossas atividades, tivemos momentos de Leitura Orante, Celebração Eucarística e Peregrinação ao Santuário. Em nosso coração bateu fortemente o sentimento de gratidão pelo testemunho de suas vidas, entregues ao serviço da construção do Reino e despertou em nós o desejo de partilhar com vocês - que sempre foram um referencial para nós e nos precederam no caminho formativo.

Damos graças a Deus pela experiência carismática que procuraram viver, pedimos a vossa participação no processo formativo das novas gerações. Diante deste novo tempo, manifestamos a nossa grande preocupação com a formação integral dos nossos jovens. Contamos com as vossas orações, partilha das experiências de vida, ressaltando as dificuldades encontradas e como vocês se deixaram conduzir pelo Espírito de Deus em todos esses anos de consagração para viver com fidelidade o projeto de Jesus Cristo.

Convidamos vocês a olharem com alegria e esperança para os jovens de hoje que serão os continuadores do carisma. Recordem com gratidão o passado vivido e a missão realizada pela construção do Reino. Olhem o horizonte sem lamentações e sem temores.

Sua presença em nossas comunidades nos provoca a continuar nosso caminho de conversão com renovado impulso, com a certeza de que Cristo é o fundamento de nossas vidas e que vale a pena entregar a vida pelo Reino.

Para concluir, queremos pedir-lhes que continuem sendo para as novas gerações sinal de profecia.

Sob a proteção de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, vos abraçamos fraternalmente.

CONVERGÊNCIA – Ano LIII – Nº 515 – Outubro 2018

IRMÃZINHAS DE JESUS NO BRASIL SEMENTES QUE GERMINAM

Irmãzinha Maria Dulcidéa de Jesus[1]

"Se o grão de trigo não cai na terra e não more, fica sozinho. Mas, se more, produz muito fruto" (Jo 12,24).

Introdução

A Fraternidade das Irmãzinhas de Jesus foi fundada em 8 de setembro de 1939, em Tougourt (sul da Argélia). No seguimento de Jesus de Nazaré, sob a inspiração do Irmão Carlos de Jesus (Charles de Foucauld), a jovem Madalena Hutin foi viver junto ao povo nômade desse lugar e aí armou sua tenda. Inicialmente destinada aos povos do Islã, abre-se, poucos anos depois, aos povos do mundo inteiro.

A intuição de Irmãzinha Madalena se traduz na vivência concreta do Evangelho, no respeito total pela alteridade. Essa herança haveria de se tornar luz e também semente de caminhos novos e imprevisíveis, nas mais diferentes situações humanas, pelos cinco continentes.

O grão de trigo caiu em terras brasileiras

No Brasil, a Fraternidade das Irmãzinhas de Jesus começou sua trajetória em junho de 1952, aos 13 anos de sua fundação. As primeiras

1 torresdulcidea@gmail.com

Irmãzinhas (Genoveva, Denise e Clara) chegaram acompanhadas da fundadora, Irmãzinha Madalena. Chegaram no Rio de Janeiro. Depois de algumas semanas, dirigiram-se para o Mato Grosso, à aldeia dos Tapirapé, às margens do Rio Araguaia, onde aportaram em 24 de junho de 1952. Não sabiam falar português, muito menos a língua dos Tapirapé. A presença compassiva e solidária da Fraternidade junto aos Tapirapé permaneceu por mais de 60 anos.

Outras Fraternidades foram surgindo aos poucos: em Catumbi e no Morro da Mangueira (Rio de Janeiro); em Roças Novas, Itaobim e Belo Horizonte (Minas Gerais); em Fortaleza, Ipaguassumirim e Matriz de São Gonçalo (Ceará); em Jussiape (Bahia); em Belém, Ananindeua e Aldeia Assurini (Pará); em Goiânia (Goiás).

O grão de trigo continua germinando na fragilidade e no silêncio

Dado o momento pelo qual vem passando a Vida Religiosa Consagrada, devido também ao envelhecimento de nosso grupo e à fragilidade da saúde das Irmãzinhas, pouco a pouco o número de Fraternidades foi se reduzindo. Das nove Fraternidades existentes no Brasil, estamos atualmente em apenas uma, em Belo Horizonte, no Bairro Betânia.

Isso nos fez perceber a urgência de tomar algumas decisões: fechamento e venda das casas e partida para um lar de idosos. As duas Irmãzinhas que ainda permanecemos na Fraternidade de Betânia esperamos concluir todos os trâmites, baixa de papéis e tudo o que diz respeito ao processo de encerramento.

Estamos mudando de paradigma. Esse fato exige atenção, paciência, confiança e muito amor. Faz-se necessário, nesse novo tempo, ressignificar o carisma e a missão. Nossas Constituições, no capítulo 14, n. 87, dizem: *"Quando formos levadas a reduzir as atividades, estaremos mais disponíveis para a oração e a escuta"*. Ressignificar nossa pertença neste momento em que estamos envelhecendo é *"saber envelhecer com graça, em graça e na graça"* (Ana Maria Mattos). É nessa atitude que queremos olhar nosso momento atual: processo de envelhecimento se acelerando com consequentes fragilidades de saúde e retorno das não-brasileiras a seus países de origem.

O grão de trigo morrerá e fará nascer novo rebento de vida

Refletindo sobre nosso futuro, uma luz nos orienta e guia: a do grão de trigo. Foi essa passagem do Evangelho que inspirou e acompanhou o Irmão Carlos durante sua vida no deserto do Saara. É morrendo, mergulhando na terra, doando-se sem medida, até o fim, que a semente germina.

Fechando a Fraternidade de Betânia, a Fraternidade continuará presente através das Irmãzinhas que já estão morando numa casa de cuidados destinada a idosos de baixa renda, no Lar São José, no Bairro Olhos d'Água, em Belo Horizonte. Lá, seremos em número de cinco. Há também duas outras Irmãzinhas morando sozinhas, perto de suas famílias. Ambas são mineiras e suas famílias vivem em Belo Horizonte. Temos também duas Irmãzinhas em casas de saúde em Belo Horizonte, e as duas nordestinas vivendo no Ceará.

Nesta etapa de nossa vida, estar num Lar de Idosos/as pobres é dar continuidade à vivência de nosso carisma – *contemplativas inseridas no meio do povo, vivendo à luz de Belém e Nazaré***.** Aí nossa inserção se fará naturalmente, sendo idosas com os/as idosos/as. Essa experiência nos fará perceber a presença de Deus na fragilidade, no cotidiano. E tal verdade nos permite viver com confiança, procurando dar cada uma sua medida. O futuro é de Deus!

Apostamos também nas sementes lançadas junto aos leigos e leigas que, nos diferentes lugares em que vivemos, partilharam da vida de nossas Fraternidades. Também eles se fizeram receptivos ao carisma de Irmão Carlos e Irmãzinha Madalena. E dentro de suas condições, seguirão *"gritando o Evangelho com a vida"*.

Conclusão

Gostaríamos de terminar citando o que nos disse o papa Francisco, no final de nosso Capítulo Geral (2017): *"Florescer em gestos de amor, fazer-se pequena entre pequenos, ser livres para amar"*. Mesmo se, no Brasil, estamos nesse processo do *"grão de trigo"*, em outros países e continentes, há Fraternidades florescentes, há juventude em busca do mesmo ideal. As sementes que em nós foram plantadas seguirão germinando, fecundadas pelo Espírito...

SÍNODO PARA A AMAZÔNIA E O MUNDO
VADE MECUM PARA UMA AGENDA MÍNIMA

Pe. Paulo Suess[1]

No dia 15 de outubro de 2017, o Papa Francisco anunciou a realização de uma Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos para a região Pan-Amazônica. Esse Sínodo, cujo tema é "Amazônia: Novos Caminhos para a Igreja e para uma Ecologia integral", será de grande importância não só para a ecologia da região, mas também porque essa região, considerada "pulmão do mundo", está com uma pneumonia aguda, que ameaça o futuro do planeta Terra. Por isso, a Amazônia já está há tempos na agenda da Igreja. Foi a Conferência de Aparecida que lembrou a "importância da Amazônia para toda a humanidade" (DAp 475).

O Sínodo para a Amazônia terá relevância pastoral para a relação entre Igreja local e Igreja universal. Num sentido amplo, o Sínodo foi convocado para desencadear uma "viragem descolonial" da Amazônia, a fim de amparar sua biodiversidade para o bem de toda a humanidade, e para construir uma Igreja com "rosto amazônico". Sob essas diretrizes, um grupo de peritos elaborou um "Documento Preparatório" que, na presença do papa Francisco, foi discutido durante dois dias em Roma com os 18 membros do Conselho Pré-Sinodal. Depois foi enviado,

1 Estudou nas Universidades de Munique, Lovaina e Münster, onde se doutorou em Teologia Fundamental. Atualmente é assessor teológico do CIMI e do COMINA, e professor no ciclo de pós-graduação em Missiologia, no ITESP.

junto a um questionário, aos futuros padres sinodais e às comunidades, para estimular respostas e propostas às questões que serão discutidas pelo Sínodo a ser realizado em outubro de 2019.

Trata-se, nesse Sínodo, de dar continuidade a um processo pós-conciliar em defesa da vida, que na América Latina começou com Medellín (1968) e continuou com Puebla (1979), Santo Domingo (1992) e Aparecida (2007). Com suas respectivas conclusões, essas Conferências do Episcopado Latino-Americano e do Caribe forneceram uma "cesta básica" para a prática pastoral e reflexão teológica. Hoje, essa caminhada latino-americana e caribenha, com suas palavras-chave de "libertação", "opção pelos pobres", "inculturação" e "missão como Igreja em saída", é assumida e enriquecida pelo carisma do papa Francisco, que na "conversão pastoral" (EG 25, 27, 32) integrou a "conversão ecológica" (LS 216ss) e deslocou o centro da Igreja para as periferias do mundo. As duas conversões têm um foco só: a partilha equitativa da vida entre tudo que foi criado e que é dom de Deus. Essa partilha, para ser equitativa, aponta para um novo estilo de vida, que una todos os humanos com suas culturas e a natureza, com seus bosques, terras firmes e águas, na mística de uma vida em "sobriedade feliz" (LS 224s).

Na Amazônia se encontram os *outros*, com a diversidade de suas culturas, e os *pobres* na precariedade, austeridade e alegria de suas vidas. O Sínodo fez, pela razão de sua convocação, uma opção pelos pobres, pelos outros e por uma ecologia integral. A natureza é uma aliada fiel dos pobres, dos quais faz parte, porque se encontra "entre os pobres mais abandonados e maltratados" (LS 2). Interligados são a mãe Terra e toda a humanidade, as religiões e os sonhos, como também a cruz e a ressurreição fazem parte da polaridade sinergética da vida. Ela nos permite "encontrar Deus em todas as coisas", como os místicos Mestre Eckhart e Inácio de Loyola nos ensinaram. Seu lema, que pode nos inspirar um novo estilo de vida, nos impulsiona a "praticar a solidariedade global" [74][2], viver a "corresponsabilidade no trabalho comum" [25] e superar a ação desordenada do ser humano, face à natureza, que ameaça o futuro de suas condições de vida. "Não há duas crises separadas: uma ambiental e outra social; mas uma única e complexa crise socioambiental. As diretrizes para a solução requerem uma abordagem integral para combater a pobreza, devolver

2 Os números entre colchetes [...] remetem aos 90 parágrafos do Documento Preparatório que se encontra no endereço da Rede Latino-Americana de Missiólogos e Missiólogas – Relami/Brasil: http://www.missiologia.org.br/.

a dignidade aos excluídos e, simultaneamente, cuidar da natureza" (LS 139). "Encontrar Deus em todas as coisas" é uma chave importante para questionar a "cultura do descarte" (LS 6; [2]).

Este *Vade Mecum*, com a função de um "caderninho lembrete", quer auxiliar os padres sinodais e o povo de Deus com suas comunidades na reflexão sobre propostas e decisões com que possam contribuir para moldar o "rosto amazônico" da Igreja e enriquecer a "cesta básica" da pastoral latino-americana, cujos frutos foram colhidos na vida cotidiana, no sofrimento dos mártires, na perseverança dos confessores, na alegria do povo simples e na sabedoria dos profetas. O Sínodo pode oferecer essa "cesta básica" à Igreja universal como dom de Deus e frutos do Espírito.

Coragem para caminhar por novos caminhos

"Coragem" significa assumir transformações necessárias com espírito profético para o bem do povo de Deus. Como finalidade principal desse Sínodo, o Papa definiu a exigência de encontrar "novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral". A proposta de novos caminhos para a "ecologia integral" se encontra na Encíclica *Laudato si'*, na qual o papa Francisco constata que "em épocas de crises profundas" se exige da humanidade "decisões corajosas" (LS 59), para "avançar numa corajosa revolução cultural" (LS 114). A proposta de novos caminhos para a Igreja e a evangelização se encontra na Exortação apostólica *Evangelii gaudium*. Nela, o papa Francisco se dirige à própria Igreja, que deve sempre preparar-se para "ter respostas que encorajem, deem esperança e novo vigor para o caminho" (EG 114). Para cumprir essa missão, ela procura ser uma Igreja "em saída" (EG 20), cuja conversão pastoral exige "a reforma das estruturas" (ibid.) e o deslocamento de seu centro para as periferias. Desafios e tarefas, propostas e respostas do Sínodo se encaixam, sobretudo, nessa parte especificamente eclesial, na qual os padres sinodais precisam, segundo a lei fundamental da sinodalidade, com coragem, lucidez e generosidade, "desenvolver uma comunhão nas diferenças" (EG 228), e no calor das discussões "alcançar uma unidade multifacetada que gera nova vida" (EG 228). Essa unidade na diversidade do Espírito não permite a "absorção de um no outro, mas na resolução num plano superior que conserva em si as preciosas potencialidades das polaridades em contraste" (EG 228).

O Sínodo será um sínodo de bispos que o Papa advertiu na *Evangelii gaudium*: Os pobres, os povos indígenas e tradicionais "têm muito para nos ensinar" (EG 198). Os novos caminhos de evangelização inculturada, cuja meta "será sempre a salvação e libertação integral de determinado povo ou grupo humano" (DP 243), devem ser elaborados para e com os povos que gozam uma "legítima autonomia" (EG 116; cf. GS 36) e conhecem o rosto das pessoas e da natureza, o calor e as chuvas, as distâncias e a hospitalidade, a fartura e a fome da Amazônia: habitantes de zonas rurais e cidades, ribeirinhos, povos indígenas, migrantes e deslocados [1], agentes pastorais comprometidos com a vida de suas comunidades. Eles indicam as prioridades para os novos caminhos da Igreja [75] e a hierarquia de urgências [80]. "Os diferentes povos, nos quais foi inculturado o Evangelho, são sujeitos coletivos ativos, agentes da evangelização. Assim é, porque cada povo é o criador da sua cultura e o protagonista da sua história" (EG 122). Os que já antes da realização do Sínodo levantam um cartão vermelho face à discussão de temas, ditos polêmicos, devem ser advertidos de que todas as propostas e discussões do Sínodo devem ter como pano de fundo e imperativo categórico a máxima afirmada pelo Direito Canônico: "A salvação das almas deve ser sempre a lei suprema" (Cân. 1752).

O Documento Preparatório do Sínodo resume essas tarefas que emergem dos "novos caminhos" e da participação do povo de Deus com uma frase lapidar: "No processo de construir uma Igreja com rosto amazônico, sonhamos com os pés postos na terra dos nossos indígenas, e com os olhos abertos pensamos como será essa Igreja a partir da vivência da diversidade cultural dos povos" [82]. Por ocasião do encontro com os representantes da Amazônia, em Porto Maldonado, o Papa fez um apelo à autodeterminação dos habitantes da região: "É bom que agora sejais vós próprios a auto-definir-vos e a mostrar-nos a vossa identidade. Precisamos de vos escutar" (Fr. EP)[3], escutar a leitura histórica do seu passado e a explicação antropológica de sua visão de mundo, de seus costumes e suas tradições milenares.

3 Fr. EP: Discurso do Papa Francisco no Encontro com a População de Puerto Maldonado (19.01.2018).

Saber "perder tempo" e proximidade

O "investimento pastoral" em pequenas comunidades espalhadas sobre um imenso território de difícil acesso não é algo óbvio. Na esteira do sistema econômico e cultural, que insiste em produtos de massa e na aceleração do tempo, também a pastoral da Igreja está tentada a dar preferência à pastoral de grandes centros urbanos face à pastoral indígena ou rural. Na Amazônia, a Igreja precisa aprender a "perder tempo" com os socialmente e numericamente pequenos, porque a força do Reino de Deus está nos pequenos. Os novos caminhos devem encurtar as distâncias geográficas e humanas entre a Igreja institucional e a vida cotidiana do povo de Deus, entre as culturas amazônicas e a cultura dominante, entre os batizados e a possibilidade de sua participação na Palavra e nos Sacramentos. O Sínodo foi convocado para a busca colegial de uma nova proximidade teológica, cultural e social da Igreja com os povos da grande Amazônia e não somente para uma adaptação ritual ou doutrinal. "O Evangelho convida-nos sempre a abraçar o risco do encontro com o rosto do outro" (EG 88).

Encarnação como inculturação

A convocação do Sínodo para a Amazônia é um apelo à memória eclesial de que, desde a encarnação do Verbo, a Boa-Nova de Jesus é recebida como Evangelho revestido de múltiplas culturas e "a inculturação do Evangelho é um imperativo do seguimento de Jesus e é necessária para restaurar o rosto desfigurado do mundo (cf. LG 8)" (DSD 13). "A verdadeira fé no Filho de Deus feito carne é inseparável do dom de si mesmo, da pertença à comunidade, do serviço, da reconciliação com a carne dos outros" (EG 88). O Sínodo será uma oportunidade de se incentivar o projeto de inculturação do Evangelho na vida concreta e integral de cada povo, "fortalecendo sua identidade e libertando-o dos poderes da morte" (DSD 13). A inculturação é um processo permanente, que "transmite a fé de maneira sempre nova; daí a importância da evangelização entendida como inculturação. Cada porção do povo de Deus, ao traduzir na vida o dom de Deus segundo a sua índole própria, dá testemunho da fé recebida e enriquece-a com novas expressões" (EG 122). "A graça supõe a cultura", porque "o dom de Deus se encarna na cultura" (EG 115), mas "a mensagem revelada

não se identifica com nenhuma delas" (EG 117). Assume todas para redimi-las (cf. DP 400). A diversidade cultural assumida pela Igreja está na lógica do cristianismo. Ela não ameaça a unidade da Igreja, cujo construtor é o Espírito Santo (cf. EG 117).

Por que "novos caminhos"? Porque, mesmo depois de 500 anos, nos caminhos da primeira evangelização ainda há entulho teológico-pastoral da época do império e da colonização impedindo que se forje uma Igreja autóctone. Os povos indígenas no Brasil são, basicamente, atendidos por uma Igreja missionária que encaixa a Pastoral Indigenista na missão *ad gentes*, no paradigma antigo que procurou converter pagãos. A bússola dos "novos caminhos", que o papa Francisco propõe em seu discurso de Porto Maldonado, aponta para "uma Igreja com rosto amazônico e uma Igreja com rosto indígena" (Fr.EP). A Igreja autóctone não se constrói de fora para dentro: "Precisamos que os povos indígenas plasmem culturalmente as Igrejas locais amazônicas". Os "novos caminhos" exigem "avançar no caminho de uma conversão pastoral e missionária" (EG 25). E essa conversão há de ser concreta. No Brasil, praticamente nenhum agente de pastoral, nenhum catequista, padre ou bispo, ninguém que não é indígena, fala razoavelmente uma língua indígena. Precisamos caminhar com passos firmes de uma pastoral indigenista para uma pastoral indígena.

Rosto amazônico de uma Igreja pós-colonial

A finalidade principal deste Sínodo é modelar uma Igreja com "rosto amazônico" [5, 63, 66, 8, 82, 88, 90], o que significa libertar o povo de Deus de todas as formas de neocolonialismo, as quais destroem sua biodiversidade pela imposição de modelos culturais (religiosos, educativos, econômicos, políticos) estranhos e impostos à sua vida [66]. Ainda hoje, existem restos do projeto colonizador que demoniza as culturas indígenas [24]. Ao Sínodo, cabe "colaborar na construção de um mundo capaz de romper com as estruturas que sacrificam a vida e com as mentalidades de colonização para construir redes de solidariedade e interculturalidade" [4]. Cabe aos padres sinodais fazer resplandecer o rosto amazônico da Igreja, ou seja, "aprofundar o processo de inculturação" (EG 126) [79] e denunciar profeticamente as situações de injustiça no mundo e na região [cf. 66]. Em seu discurso durante o "Encontro com os Povos da Amazônia", em Puerto Maldonado/Peru (19.01.2018), papa Francisco constata que, "provavelmente, nunca os povos originários amazônicos

estiveram tão ameaçados nos seus territórios como o estão agora". Estão em perigo de perder seus territórios "por novos colonialismos´ [...] mascarados de progresso" (Fr.EP) e "pelo paradigma histórico que considera a Amazônia como uma despensa inesgotável dos Estados, sem ter em conta os seus habitantes" (Fr.EP).

Na passagem pela história de dois milênios e na convivência com sistemas coloniais e imperiais, patriarcais e feudais, autoritários e liberais, democráticos e ditatoriais, por alinhamento ou resistência, a Igreja, como sistema, não conseguiu livrar-se radicalmente da influência de seus amigos convenientes ou de seus adversários declarados. As declarações de independência de povos outrora colonizados não eliminaram o vírus que permite a sobrevivência de mentalidades anteriormente estruturadas nem o perigo de recolonizações políticas, culturais e religiosas. A busca da descolonialidade teológico-pastoral é um processo permanente. A inculturação é a tentativa de uma evangelização em chave pós-colonial. A proximidade dos povos amazônicos com uma Igreja em busca de sua plena pós-colonialidade, com uma Igreja solidária, vulnerável e vulnerada pelas cristalizações de sua longa história, mas também com uma Igreja povo de Deus que nunca parou de construir o Reino a partir dos pequenos, de suas culturas e linguagens, de suas teologias, muitas vezes só compreensíveis em suas próprias línguas, será uma boa notícia. A evangelização em chave pós-colonial forja uma teologia no plural voltada ao mundo, reconhece a alteridade do outro e a autonomia do pobre como um bem do Criador e dom do Espírito Santo. A bandeira pós-colonial insere a Igreja num movimento contra-hegemônico, no qual se partilham as lutas pela preservação da vida, o empenho pela redução do sofrimento e a vigilância face à alienação oferecida pelos aliciamentos do mercado e da mídia.

O instinto da fé do povo de Deus

Se as comunidades amazônicas são os principais interlocutores (LS 146) dos padres sinodais [79], não só em questões ecológicas, políticas e econômicas, mas também em questões pastorais e teológicas, surge a pergunta sobre as raízes de sua competência nessa área eclesial. Retomando documentos do Vaticano II (LG 12, DV 10), o papa Francisco recorda "que em todos os batizados, desde o primeiro ao último, atua a força santificadora do Espírito que impele a evangelizar. O povo de

Deus é santo em virtude desta unção, que o torna infalível '*in credendo*'. Isso significa que 'ao crer, não pode enganar-se [...]. Deus dota a totalidade dos fiéis com um instinto da fé – o *sensus fidei* – que os ajuda a discernir o que vem realmente de Deus'" (EG 119) [61].

O objetivo do Sínodo é refletir sobre "novos caminhos" da Igreja na Amazônia e, portanto, decidir sobre mudanças na prática pastoral. Cabe a todos os envolvidos nesse Sínodo não somente invocar saberes teológicos construídos no decorrer dos séculos e indicar supostos limites de negociação para transformações pastorais, litúrgicas e teológicas, mas sobretudo procurar saber até que ponto saberes teológicos são históricos e não necessariamente normativos para todos os tempos. A "Igreja em saída", que o papa Francisco propõe, nos lembra que Jesus não foi pedreiro que construiu muros, mas carpinteiro que fez portas e janelas. O Sínodo está numa encruzilhada entre a volta para as gaiolas historicamente construídas e a volta à liberdade do cristianismo dos primeiros séculos, amparada pela infalibilidade do povo de Deus no ato da fé. Muitas soluções pastorais já se encontram na Igreja primitiva. O apóstolo Paulo, quando partia para a missão numa nova comunidade, nunca deixava atrás de si uma comunidade sem Eucaristia. Não encontrou nesse cuidado pastoral nenhuma dificuldade teológica. O *sensus fidei* pressupõe diálogo, unidade e escuta recíproca entre os diferentes setores do povo de Deus.

Ministérios da Igreja local emergem da escuta

Os "novos caminhos", segundo seus objetivos de construir "uma Igreja com rosto amazônico e uma Igreja com rosto indígena" [81] e de serem Boa-Nova para a Amazônia, precisam superar distâncias geográficas e pastorais das comunidades e, por conseguinte, "terão incidência sobre os ministérios, a liturgia e a teologia (Teologia Índia)" [82]. Já se mostra esse rosto amazônico e indígena na presença e atuação das mulheres nas comunidades. A reivindicação de avançar na admissão de *viri probati*, é, na realidade, a reivindicação de uma Igreja clerical e patriarcal de meio século atrás. Ao falarmos de uma Igreja pós-colonial e pós-patriarcal, falaremos de uma Igreja composta por *viri probati* e *uxores probatae*, de homens e mulheres que marcaram por longos anos sua relevância e fidelidade pastoral na Igreja. Para saber o que isso significa concretamente, "precisamos nos exercitar na arte de escutar, que é mais do que ouvir" (EG 171) [63], segundo o bom conselho do papa Francisco. O

"Documento Preparatório" não se antecipa com propostas concretas às discussões do Sínodo, mas abre caminho para acolher o resultado dessas discussões que, oxalá, se tornarão decisões.

Para facilitar e estruturar essas discussões, podemos partir das seguintes ponderações: as grandes distâncias geográficas da Amazônia produziram também grandes distâncias pastorais. O mistério da encarnação e a prática pastoral da inculturação apontam para a superação real dessas distâncias. Novas tecnologias (carros, canoas com motores sofisticados e internet) exercem um papel subordinado nessa superação das distâncias geográficas e pastorais. No mistério da encarnação, o Filho de Deus se aproxima e abraça todos os contextos humanos, mas sobretudo os dos mais pobres. O Concílio Vaticano II menciona essa proximidade contextual com palavras como adaptação e diálogo (cf. GS 4, 11; CD 11; UR 4; SC 37ss), encarnação e solidariedade (cf. GS 32). No tempo pós-conciliar, essas palavras, que expressam a proximidade de Deus com a humanidade, foram traduzidas como opção pelos pobres, libertação, participação, inserção, inculturação e serviço de uma Igreja samaritana e advogada dos pobres, e devem ser atualizadas na vida cotidiana pastoral e sacramental da Igreja [cf. 39].

Em Aparecida (2007), os bispos descreveram a defasagem entre exigências pastorais e realidade assim: "O número insuficiente de sacerdotes e sua não equitativa distribuição impossibilitam que muitíssimas comunidades possam participar regularmente na celebração da Eucaristia. Recordando que a Eucaristia faz Igreja, preocupa-nos a situação de milhares dessas comunidades privadas da Eucaristia dominical por longos períodos" (DAp 100e) [cf. 64]. A carência eucarística afeta mistérios centrais da vida cristã: A comunhão trinitária na Igreja "tem seu ponto alto na Eucaristia, que é princípio e projeto da missão do cristão" (DAp 153). Como as comunidades na Amazônia podem "viver sua fé na centralidade do mistério pascal de Cristo através da Eucaristia, de maneira que toda a sua vida seja cada vez mais vida eucarística" (DAp 251)? Como podem viver sua vocação cristã, se não têm acesso à Eucaristia, que é "fonte inesgotável da vocação cristã" e, "ao mesmo tempo, fonte inextinguível do impulso missionário" (DAp 251)? Como podem ser discípulos missionários se, "sem uma participação ativa na celebração eucarística dominical e nas festas de preceito, não existirá um discípulo missionário maduro" (DAp 252)?Espera-se do Sínodo que a Igreja, enraizada em suas dimensões sinodal e missionária, possa gerar processos de escuta e discernimento

capazes de responder às realidades concretas dos povos amazônicos [64]. Os "novos caminhos" ainda são devedores do Vaticano II, cujo Decreto *Presbyterorum ordinis* é taxativo: "Nenhuma comunidade cristã se edifica sem ter a sua raiz e o seu centro na celebração da santíssima Eucaristia, a partir da qual, portanto, deve começar toda a educação do espírito comunitário" (PO 6). Também a Constituição Dogmática *Lumen gentium* fala da Eucaristia como "fonte" e "ponto culminante de toda a vida cristã" (LG 11). Os "novos caminhos" devem levar em conta também as Conclusões de Puebla (1979): "A Igreja, povo de Deus, quando anuncia o Evangelho e os povos acolhem a fé, neles se encarna e assume suas culturas. [...]. Continua válido, na ordem pastoral, o princípio da encarnação formulado por Santo Irineu: `O que não é assumido não é redimido´" (DP 400).

Para a Igreja universal é de vital importância escutar os povos indígenas e todas as comunidades que vivem na Amazônia, como os primeiros interlocutores deste Sínodo [4]. Nessa escuta, podem-se conhecer os desafios e encontrar os novos caminhos que Deus pede à Igreja. O Papa Francisco veio ao encontro com os representantes dos povos da Amazônia para Porto Maldonado não somente para "visitar", mas para "escutar" e "para estarmos juntos no coração da Igreja" (Fr.EP; [63]). Escutemos os povos tradicionais que, com sua visão holística do mundo, com seu amor para com a terra e sua relação com os ecossistemas, amam o Deus Criador. Nas "suas próprias dores conhecem Cristo sofredor" (EG 198). Em sua compreensão da vida social como diálogo, estão inspirados pelo Espírito Santo [cf. 75]. A escuta é um ato de fé e "requer, mais que nunca, um magistério eclesial exercido na escuta do Espírito Santo, que garante unidade e diversidade" [60]. "É necessário que todos nos deixemos evangelizar por eles" (EG 198) e por suas culturas [75], que são "culturas do encontro" na vida cotidiana, em "harmonia pluriforme" (EG 220) e "sobriedade feliz" (LS 224s; [cf. 4]).

Depois de 500 anos de presença católica junto aos povos indígenas, no Brasil, a maioria dos índios batizados não é católica. Observamos pastores evangélicos que anunciam em suas pregações conteúdos alienantes, demonizando ritos e crenças indígenas, mas, a transmissão de sua crença se dá em estruturas ministeriais próximas às culturas indígenas. Não podemos colocar considerações estratégicas, táticas e doutrinas cristalizadas como prefixo de decisões pastorais. Se acreditamos que nosso Evangelho traz vida para os povos amazônicos e se esses povos nunca "estiveram tão ameaçados nos seus territórios como

o estão agora" (Fr.EP), então temos a obrigação de transmitir esse Evangelho em estruturas, economica e culturalmente viáveis para eles. Não podemos esquecer que a dimensão sacramental é caracterizada por "um modo privilegiado em que a natureza é assumida por Deus e transformada em mediação da vida" [57] e que na vida sacramental se inicia a contemplação de Deus em todas as coisas.

Concluindo

Os "novos caminhos", marcados por três eixos, são o fio condutor proposto para o trabalho do Sínodo Pan-Amazônico:

- Os povos amazônicos como sujeitos e protagonistas: como se trata de um Sínodo de Bispos, o protagonismo é partilhado entre o Sínodo e os povos da região. A participação dos povos amazônicos vai além de meras consultas ou da presença de acólitos.

- A microrregião da Igreja local (rosto amazônico): a Igreja com rosto amazônico visa à construção de uma Igreja descolonizada, inculturada e contextualizada. Com esse pano de fundo, "urge avaliar e repensar os ministérios que hoje são necessários para responder aos objetivos de `uma Igreja com rosto amazônico e uma Igreja com rosto indígena´" [81]. Contextualizar o cristianismo na Amazônia significa abrir "novos caminhos" no plural das culturas e de sua evolução histórica, porque "não faria justiça à lógica da encarnação pensar num Cristianismo monocultural" (EG 117). "Contexto" significa busca de proximidade para ver a pessoa e os povos em sua história, cultura, relações sociais e geografia, nas contradições de interesses, conflitos e poderes.

- A macrorregião da Igreja universal (novo estilo de vida de toda a humanidade): os "novos caminhos" exigem três conversões: face aos pobres, aos outros e à natureza. O processo de evangelização não pode ser separado do zelo pelas culturas nem do cuidado com o território e a ecologia [cf. 52]. A insistência do papa Francisco no conceito de que "tudo está interligado" (LS 16, 91, 117, 138, 240) [cf. 48] facilita "o diálogo com as raízes espirituais das grandes tradições religiosas e culturais" [72] e com a natureza. Os "novos caminhos" convidam para a partilha equitativa dos bens da natureza e, por conseguinte, para um novo estilo de vida de "sobriedade feliz" [LS 224s].

Nos documentos centrais, que fundamentam o "Documento Preparatório", está presente a memória histórica do povo de Deus, que lembra

a Igreja de promessas cumpridas e de outras, ainda não cumpridas, no decorrer de uma longa caminhada. O Sínodo Pan-Amazônico é herdeiro dessa caminhada. Na busca de "novos caminhos", o Sínodo se situa num processo que movimenta os envolvidos, como uma canoa movimenta seus passageiros no rio Amazonas. A canoa não foi feita para ficar amarrada no porto. A canoa não é uma árvore que nasce e morre no mesmo lugar. A canoa foi feita para sair ao rio, para atravessar o igarapé, para enfrentar a tempestade, para descer e subir o rio, para ajudar na pesca e no transporte, e para facilitar encontros. Pode ser que também o Sínodo vá enfrentar tempestades causadas por aqueles que não querem sair do porto e gritam por segurança e socorro e advertem para a presença da Cobra Grande e a possibilidade de uma pororoca devastadora. Uns vão querer descer o rio, outros subir, e ainda outros querem logo encostar na ribanceira - sempre com bons argumentos. Afinal, chegarão dias – nem todos os dias! – em que a canoa voltará cheia de peixes para sustentar o remador e sua família, e para fazer a festa com a vizinhança.

Questões para o debate

1. Como distinguir a inculturação da fé da contraculturalidade do Evangelho, por exemplo, no caso da "cultura do descarte" (EG 53; LS 22)?
2. Como manter a Igreja universalmente unida e localmente enraizada?
3. Como viver no mundo amazônico entre o isolamento na própria cultura e a adaptação (*aggiornamento*) cultural à civilização moderna?

ENCONTRO COM NOSSA SENHORA APARECIDA:
SIGNIFICADO HISTÓRICO-TEOLÓGICO PARA A VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA

Maria Cecilia Domezi[1]

No Brasil do ciclo do ouro, pescadores recolheram do fundo do rio uma pequena imagem da Senhora da Conceição. Fragilizada, em pedaços e enegrecida, emergiu em águas que correm livres. Passou primeiro pelas mãos calejadas daqueles trabalhadores, que a protegeram num pano feito nicho e a transportaram em canoa feita andor.

Foi no coração do catolicismo popular que os moradores da periferia da Vila de Guaratinguetá a reconheceram como Nossa Senhora Aparecida. Mãos solidárias e curadoras de feridas colaram a cabeça ao corpo da imagem, com cera de abelha da terra. As mesmas mãos que, durante anos, se estenderam em prece à luz de vela num santuário doméstico, também se erguiam para testemunhar os milagres de Deus, vivenciados pela mediação da mãe e madrinha dos desvalidos.

Aquele encontro dos pobres com Nossa Senhora revelava a ação de Deus, em espaços inusitados e com dinamismos ao revés da ordem

1 Maria Cecilia Domezi, que vem da inserção e serviço pastoral junto às CEBs, pertence ao laicato católico; é historiadora, doutora em Ciência da Religião e tem lecionado História do Cristianismo e das Religiões. Atualmente é professora de História da Igreja no Instituto São Paulo de Teologia e é membro do Observatório Eclesial Brasil. Dentre suas publicações, que vêm privilegiando a América Latina e focando especialmente a mulher, estão duas da Coleção Marco Conciliar, da Editora Paulus: *O Concílio Vaticano II e os pobres* (2014) e *Mulheres do Concílio Vaticano II* (2016).

estabelecida. Ali estava também um modo alternativo de Vida Religiosa Consagrada (VRC). É o que buscaremos desvendar, retomando alguns fios da história do Brasil colonial em 1717.

Missionários andarilhos nas trilhas do sertão

Naquela primeira metade do século dezoito, a extensa região das Minas Gerais estava aprisionada pela Coroa portuguesa, que exercia um rígido e violento controle a fim de usurpar todo o ouro e diamantes. No oposto do escoamento de incontável riqueza mineral estava a massa de trabalhadores, submetida ao extremo da miséria e opressão. Segregada das demais Capitanias, longe do mar e sem estradas abertas, não podia contar com missionários oficiais, nem com colégios e conventos de religiosos, pois estava vetada a presença de ordens religiosas. Só era permitida a presença de padres seculares, mais fáceis de serem controlados por serem inteiramente dependentes do padroado régio.

Em meio a essa tragédia histórica, o povo devoto enraizava a sua espiritualidade e suas práticas de devoção na luta cotidiana pela sobrevivência. Apoiava-se nas irmandades e percorria muitas léguas em romaria aos santuários de devoção. Inseridos em seu meio estavam religiosos andarilhos, como os capuchinhos, que se fizeram missionários do sertão, e também os oratorianos. Pelo fato de dependerem diretamente da congregação romana *De Propaganda Fide,* esses religiosos consagrados estavam mais distanciados do poder colonial e, consequentemente, bem mais próximos do povo sofredor.

Os oratorianos, à maneira do clero secular, trouxeram de Portugal um modo de missão no espírito da reforma da vida cristã. Tratava-se de um movimento nascido em Portugal no final do século anterior, com uma espiritualidade de renovação marcadamente leiga, sustentada pela estrutura florescente das confrarias e ordens terceiras. Nesse movimento estavam também os ermitães, ou eremitas.

Como descreveu o historiador mineiro José Carrato, os ermitães percorriam longos caminhos pelo sertão, vestidos como franciscanos. Tinham barbas e cabelos crescidos e muitas vezes andavam descalços. Era comum serem vistos com uma pequena caixa pendurada ao pescoço, contendo um relicário envidraçado que guardava uma imagem de santo da sua devoção. Os fiéis beijavam piedosamente essa imagem, tirando o chapéu ou dobrando um joelho.

Os ermitães valorizavam a penitência e o amor ao próximo. Seu modo de vida e espiritualidade, que refutava a riqueza, denunciava a imoralidade dos proprietários dos arraiais mineiros. Estes ostentavam o luxo à custa da miséria e das torturas que infringiam aos escravos. Obviamente, a pobreza material desses religiosos incomodava as autoridades oficiais que, assim como os viajantes estrangeiros, os taxavam de exóticos e supersticiosos.

Um desses ermitães foi Félix da Costa que, pouco tempo antes do encontro dos pescadores com a imagem da Aparecida, partiu de Penedo, bispado de Pernambuco, junto com seus irmãos. Sob a proteção da Senhora da Conceição, peregrinaram até o sítio de Macaúbas, na região central de Minas Gerais. Ali ergueram uma ermida e o Recolhimento de Nossa Senhora da Conceição de Monte Alegre. O vigário de Roça Grande benzeu a ermida em 1º de janeiro de 1716, e já no dia seguinte ingressaram doze moças, das quais sete eram sobrinhas do ermitão fundador. Elas passaram a usar o hábito das franciscanas concepcionistas. Dezessete anos depois receberiam uma regra própria, das mãos do capuchinho Frei Jerônimo de Monte Real.

No imaginário popular entrava de modo marcante a figura do religioso missionário que se fazia pobre entre os pobres. Devota e franciscanamente inserido no meio do povo que sofre, ele percorria caminhos íngremes, com seu chapéu, breviário e bordão. Essa figura ficaria consagrada especialmente na pessoa do padrinho padre Cícero Romão Batista, no século dezenove, e na de frei Damião de Bozzano, no século vinte.

Foi nessa dinâmica da fé dos empobrecidos e explorados que se deu, em plena convulsão do garimpo, o encontro com Nossa Senhora Aparecida. Foi um encontro com pessoas leigas, situadas à margem dos sistemas colonial e eclesiástico, ativas na mobilidade e nas práticas alternativas que proclamam o poder de Deus ao revés do poder colonizador e escravista.

Consagradas recolhidas às margens da oficialidade

No Brasil colonial, a vida religiosa feminina foi tardia, rara, limitada e distante da perspectiva missionária. Numa colônia de território tão vasto e com premente necessidade de mão de obra, aos homens do poder central não interessava a presença de mulheres celibatárias. Daí

que em todo o Brasil, em 1717, havia bem poucos mosteiros femininos oficiais e canônicos. E neles só podiam entrar mulheres brancas ricas, pertencentes à classe senhorial portuguesa, às quais o sistema do padroado régio impunha um papel mais econômico, social e político que religioso.

Já os colonos da classe senhorial reivindicavam conventos femininos como uma necessidade, por vários motivos: queriam reduzir o número de herdeiros dos seus bens; era difícil casar as filhas com homens ricos; temiam que, ficando na pobreza, elas se degenerassem e perdessem a honra. Ante a negativa da Coroa, a saída era mandar as filhas para os mosteiros e conventos de Portugal ou das ilhas do Atlântico, enquanto não viessem medidas restritivas. Assim, no ano de 1717, em cada frota que partiu da Bahia embarcaram de oito a dez moças.

Entretanto, no ciclo do ouro as mulheres brancas ainda eram muito poucas. O modo de povoamento se fazia principalmente pelo concubinato de homens brancos com mulheres indígenas e africanas, inclusive e amiúde através de rapto, escravização e estupro. Além disso, o tráfico de africanos para a escravidão trazia muito mais homens que mulheres.

Nesse desequilíbrio demográfico causado, os discursos patriarcais e senhoriais, em códigos civis e eclesiásticos, insistiam em que as mulheres fossem comedidas sexualmente, recatadas e sempre submissas aos homens, para se manterem fiéis e honradas.

As brancas destinadas ao casamento serviam como penhor de alianças políticas e econômicas. Vigiadas constantemente na reclusão do lar, eram submetidas à autoridade absoluta e até violenta de um homem, por vezes desconhecido e frequentemente mais velho. Corriam risco de morte prematura pelos sucessivos partos nas condições precárias da época. E sofriam humilhação pelas preferências do marido a escravas e concubinas, como também por terem de criar seus filhos bastardos.

Devemos reconhecer que, apesar das conveniências socioeconômicas, a busca dos fidalgos por um convento onde colocar suas filhas, consideradas seres fracos e indefesos, era para que elas tivessem uma vida de pureza e santidade. E elas, mesmo ingressando sem vocação, podiam usufruir de um mínimo de liberdade nas obras da religião.

As Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia, promulgadas em 1707, traziam normas gerais para a vida religiosa feminina, no espírito

da reforma tridentina. Porém, na realidade do Brasil e principalmente da Bahia, não surtiam efeito as tentativas dos bispos de imporem ordem. A vida conventual, nada austera e com frouxidão das regras, tinha a cumplicidade das famílias ricas. Já para a mulher branca pobre, sem dote e nem renda fixa, no convento restava a condição de serva.

Obviamente, a dominação masculina se abatia de modo mais violento sobre as mulheres indígenas, negras, mestiças e brancas pobres. Delas, não eram reconhecidos direitos e nem capacidades. O que dizer da dor de tantas mães pretas e de tantas índias "pegas a laço"?

É neste caos que Deus se revela às pessoas simples, angustiadas em sua labuta de cada dia. Revela-se em rosto feminino, através de uma pequena estátua de barro que, aberta ao enegrecimento, à reciclagem e à ressignificação, possibilita a mulheres e homens do povo um encontro com a pura bondade divina, numa experiência de amizade com Deus em grande proximidade.

Pode-se ver que a imagem da mediadora deste encontro, enquanto signo e enquanto significado, já não é a da Senhora da casa grande. Ela é a Nossa Senhora que também pertence ao mundo da senzala. Seu porte não é de cabeça baixa, mas levemente empinado para trás e com um leve sorriso que transparece da covinha no queixo. De cabelos soltos e enfeitados com flores, defende a dignidade das mulheres vendeiras. Estas mulheres, negras, brancas pobres e as chamadas mulatas, rompiam as barreiras impostas pelos homens do poder, andando por toda a parte nas zonas de mineração, com seus tabuleiros na cabeça. Vendiam quitutes, pastéis, bolos, doces, mel, leite, pão, frutas, fumo e pinga. Graças a elas, na escassez de alimento, os mineiros tinham como comprar suas provisões.

Entretanto, no signo e no significado da imagem, com suas mãos postas em oração, também estava a dignidade das mulheres pobres e excluídas que seguiam um modo alternativo de vida consagrada. De fato, foi em suas formas alternativas e populares que, no Brasil colonial, a vida religiosa feminina mostrou mais autenticidade. À margem da oficialidade, de um jeito informal e difuso, muitas mulheres relegadas à pobreza viviam sua consagração em recolhimentos, beatérios e casas de família.

No projeto inicial dos jesuítas, os recolhimentos tinham sido destinados às meninas indígenas, para serem educadas por mulheres portuguesas consideradas matronas virtuosas. Passaram a servir às meninas portuguesas, às órfãs e sem família, e também se abriram a outras finalidades, como a regeneração das chamadas "Madalenas". Estas eram mulheres pobres e

desprotegidas que foram forçadas à prostituição, mas queriam libertar-se dessa condição fazendo penitência. Também havia a reclusão temporária, a mando de autoridades do governo e da Igreja, para as mulheres suspeitas de adultério ou mau comportamento, ou mesmo como refúgio para aquelas maltratadas pelo marido. Havia ainda os recolhimentos que recebiam mulheres desejosas de uma vida de piedade, oração e penitência, inclusive viúvas ou abandonadas pelo marido, que ali tinham um modo de vida parecido ao das ordens terceiras mais observantes.

Na região das minas, os recolhimentos femininos situavam-se no meio rural, longe dos centros da administração colonial e eclesiástica. Sem a pretensão de se tornarem conventos professos, pendiam mais para a tradição eremítica. Assim era o recolhimento de Macaúbas.

Outro estilo de vida consagrada era o das beatas. Em todas as regiões da colônia havia beatas enclausuradas, com um modo de vida bem mais rigoroso que nos conventos, sem parlatórios que lhes aliviassem a clausura e sem superioras que moderassem o rigor de suas penitências. Elas eram realmente pobres; muitas eram órfãs e havia também escravas. Muitas delas, rejeitadas pelos conventos e recolhimentos por serem "de cor", encontraram nesse estilo de vida religiosa doméstica, inspirada em parte nas ordens terceiras, a oportunidade de buscar a perfeição cristã como leigas. Com frequência morriam com fama de santidade.

Mas também havia muitas beatas peregrinas, que mesmo marginalizadas e anônimas, andavam pelas minas e cidades em trajes de freiras, pedindo esmola.

A Aparecida é a Maria do Magnificat

A Mãe de Deus, Imaculada, co-redentora e mãe de todos, deixou-se encontrar na periferia do sistema e dentro do universo das pessoas mais excluídas. Para aquelas pessoas, que tinham a fé religiosa como única segurança nos descaminhos de uma sociedade de opressão sem limites, esse encontro foi vivenciado como aparição. Uma aparição silenciosa e cheia de suavidade.

Maria é a Aparecida na curva do rio Paraíba do Sul, encontrada por trabalhadores pobres, praticantes do catolicismo popular santeiro. A curva do rio nos lembra os malabarismos da cultura religiosa popular brasileira, na dinâmica diferenciada da vivência heterodoxa da fé, que é a vivência ortodoxa de outra maneira. Como afirmaram os bispos

na Conferência de Aparecida, é uma autêntica espiritualidade cristã, "encarnada na cultura dos simples, que nem por isso é menos espiritual, mas que o é de outra maneira" (Doc. de Aparecida, 263).

Foi assim que Maria se fez Aparecida, vinda do lodo. Trouxe consigo todos os escravizados nos subterrâneos da mineração, todos os relegados aos porões de uma sociedade hierarquizada por cor, inclusive os de vida consagrada à margem da oficialidade. Ao contrário do bandeirante Anhanguera que, cego pela febre do ouro, ameaçou devorar o rio com fogo enquanto iludia os nativos queimando álcool por cima da água, ela emergiu nas águas da vida em abundância, confirmando a dignidade batismal.

Sua negritude iluminadora continua chamando os excluídos e discriminados a levantarem a cabeça e se libertarem. Como proclama em seu cântico de magnificação de Deus, Ele, que é todo-poderoso, em sua misericórdia "olhou para a humilhação de sua serva". Ele "derruba do trono os poderosos e levanta os humilhados" (Lc 1,46-55).

Na aparente fragilidade da sua imagem manifesta-se toda a força da redenção operada por seu Filho Jesus. Seu encontro-aparição deu-se e continua operante dentro da *kenosis* de Jesus: "Ele tinha condição divina, mas não se apegou à sua igualdade com Deus. Pelo contrário, esvaziou-se a si mesmo, assumindo a condição de servo e tornando-se semelhante aos homens" (Fil 2,6-7).

Como afirma o papa Francisco, Maria é "aquela que está na dinâmica da justiça, da ternura, da contemplação e do caminho para os outros". Ao mesmo tempo em que, com a força revolucionária da ternura e do afeto, ela é a mulher orante e trabalhadora de Nazaré, é também a "Nossa Senhora da prontidão, que sai às pressas do seu povoado para ir ajudar os outros e que parte para a busca da justiça em favor dos pobres, como entoa em seu *Magnificat*" (*Evangelii Gaudium* 288).

A surpreendente manifestação do amor compassivo de Deus para com os empobrecidos e escravizados se deu pela mediação de Nossa Senhora, que por sua vez ofereceu seu regaço de mãe compassiva pela mediação de uma imagem de aparência tão caótica como era a sociedade brasileira no ciclo do ouro. Porém, ela aponta o caminho da redenção, que passa pela solidariedade dos sem voz e sem vez, mantidos no analfabetismo, mas que dão asas de liberdade às próprias expressões de fé. Esta solidariedade, que se manifesta na cura das feridas, na colagem de destroços e na recomposição de significados, tem potencial de transformar as estruturas da sociedade.

Não nos esqueçamos de que em Aparecida ativa-se o "signo de Guadalupe", a visitação de Nossa Senhora como "pedagogia e sinal de inculturação da fé" (Doc. de Aparecida, 4). Justamente, 186 anos antes de visitar os pobres e oprimidos como Nossa Senhora Aparecida, assumindo a cor, a realidade e a cultura dos negros escravizados, ela os visitou como Nossa Senhora de Guadalupe, assumindo a cor, a realidade e a cultura dos índios e dos mestiços. No México de 1531, desde a base das ricas culturas dos povos oprimidos e empobrecidos da América Latina e do Caribe, começava a manifestar-se uma adesão ao cristianismo por outras chaves, e numa grande proximidade com Nossa Senhora. Em todo o continente, suas imagens inculturadas cada vez mais mostram traços indígenas e negros, através de um processo de recuperação da dignidade que se faz pela reciclagem de destroços e bricolagem de significados.

De modo especial, fica o apelo suscitado pela cuidadosa colagem da cabeça ao corpo de uma imagem sacra recolhida do fundo do rio. Já não é o corpo acéfalo, que denuncia o sistema patriarcal, machista e racista, causador do caos social. É a imagem devotamente recomposta pelas pessoas de fé que, criando laços de afetividade e reciprocidade, fazem valer sua dignidade batismal e realizam a Palavra de Deus proclamada pelo apóstolo Paulo: "Não há mais diferença entre judeu e grego, entre escravo e homem livre, entre homem e mulher, pois todos vocês são um só em Jesus Cristo" (Gl 3,28).

Proposta de reflexão

1. Como seria o *Magnificat* de Aparecida na voz das pessoas que seguiam a vida consagrada às margens da oficialidade, na época do encontro dos pescadores com a imagem dela?
2. Que apelos a imagem de Nossa Senhora Aparecida e a grande devoção popular a ela fazem para a Vida Religiosa Consagrada hoje?
3. No horizonte da devoção a Nossa Senhora Aparecida, como orientar nossa missão pela *kenosis* de Jesus (esvaziamento, descida até aos últimos)?

Referências bibliográficas

ANTONIL, A. J. Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas. São Paulo: Itatiaia, 1982.

AZZI, R. & REZENDE, V. A Vida Religiosa Feminina no Brasil Colonial. In: AZZI, R. (Org.) *A Vida Religiosa no Brasil:* enfoques históricos. São Paulo: Paulinas, 1983, p. 24-60.

BRUSTOLONI, J. *História de Nossa Senhora da Conceição Aparecida:* a imagem, o santuário e as romarias. 10ª. ed. rev. e ampl. Aparecida, SP: Santuário, 1998.

CARRATO, J. F. *Igreja, iluminismo e escolas mineiras coloniais.* São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1963.

CELAM. *Documento de Aparecida.* Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo: Paulus/Paulinas; Brasília: CNBB, 2007.

DANTAS, M. L. R. Mulheres e Mães Negras: mobilidade social e estratégias sucessórias em Minas Gerais na segunda metade do século XVIII. In: *Almanack.* Guarulhos, n. 12, jan-abril 2016, p. 88-104. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/alm/n12/2236-4633-alm-12-00088.pdf. acesso em 7/05/2018.

DOMEZI, M. C. Aparecida na curva do rio. In: *Vida Pastoral,* N. 315, maio-junho de 2017, p. 27-32.

FIGUEIREDO, L. Mulheres nas Minas Gerais. In: PRIRE, Mary Del. (org.) História das Mulheres no Brasil. 7ª Ed. São Paulo: Contexto, 2004.

FRANCISCO, Papa. *Evangelii Gaudium:* A alegria do Evangelho. Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus/Loyola, 2013.

GONZALEZ DORADO, A. *Mariologia Popular Latino-Americana.* Da Maria Conquistadora à Maria Libertadora. São Paulo: Loyola, 1992.

SUESS, P. (Coord.) *A Conquista Espiritual da América Espanhola:* 200 documentos do século XVI. Petrópolis: Vozes, 1992.

CONVERGÊNCIA – Ano LIII – Nº 515 – Outubro 2018

MIGRAÇÕES COMO DESAFIO À VIDA RELIGIOSA CONSAGRADA

Pe. Alfredo J. Gonçalves, cs[1]

Êxodo, deserto, exílio, diáspora, caminho – são todos conceitos estritamente ligados à Vida Religiosa Consagrada (VRC) desde os seus primórdios. Seguindo o novo apelo do papa Francisco, no fundo trata-se da ideia de "Igreja em saída". Saída de si mesma e do mundo, não no sentido de fugir à realidade viva e real que desafia e interpela, mas para, no silêncio do deserto e no deserto da própria existência, discernir o mistério oculto da vocação, do sentido da missão e da própria vida. Semelhante percurso espiritual desenvolve e amadurece uma espécie de "círculo hermenêutico", no qual, por um lado, a oração e a meditação reforçam a intensidade da missão; e esta, por outra parte, conduz novamente ao compromisso social, vale dizer, a uma ação evangelicamente transformadora. Disso resulta que os momentos reservados ao encontro consigo mesmo e com Deus não constituem tempo subtraído à missão, e sim tempo que a qualifica e a fortalece. Como responder ao dinamismo dessa espiritualidade encarnada levando em conta o universo das migrações, universo que dia a dia vem ganhando amplo espaço, seja nos jornais e telejornais, seja na opinião pública?

Quem são os migrantes que cotidianamente atravessam nossas fronteiras, batem à nossa porta e clamam por um lugar ao sol? Para o governo e autoridades em geral, migração representa um problema

1 P. GONÇALVES Alfredo José. Endereço:Via Ulisse Seni 2 - 00153 – Roma – Italia.

que exige solução pronta e imediata; para os habitantes autoctones e alguns meios de comunicação, significa uma ameaça da qual convém manter certa distância. Diante do poder de extrema direita hoje dominante em boa parte do mundo ocidental, assistimos à politização das migrações, acompanhada da criminalização dos migrantes. Cabe então a pergunta: para nós, religiosos e religiosas, quem é o migrante? Pergunta que se funde e confunde com aquela de Jesus: "e vocês, quem dizem que eu sou?" (Mt 16,15).

Breve olhar ao fenômeno migratório

Os migrantes são os que mais de perto conhecem o significado concreto do êxodo, do deserto, do exílio, da diáspora e do caminho. Em maior ou maior grau, vivenciam na pele experiências de desenraizamento, de desterro e de vulnerabilidade em terra estrangeira. Carregam no rosto, no corpo, no coração e na alma as feridas e cicatrizes dos golpes sofridos na separação familiar, nas estradas e nas fronteiras, sem falar do preconceito, da discriminação, da xenofobia e da hostilidade. Não é o caso de apresentar, neste espaço restrito, um panorama exaustivo do fenômeno migratório, mas podemos sublinhar alguns exemplos mais vivos e atuais.

O primeiro que salta hoje à vista é, sem dúvida, o caso da Venezuela. Desde o governo Chaves, vem crescendo de forma preocupante o êxodo da população venezuelana em direção à Colômbia, aos Estados Unidos, à Espanha, à Argentina, ao Chile, ao Brasil, ao Panamá, ao Peru, entre outros países. Isso para não mencionar os estrangeiros residentes na Venezuela que retornam aos países de origem, como é o caso dos portugueses. Evidente que a diáspora venezuelana reflete uma série de fatores combinados, os quais vão desde o boicote internacional até as tensões entre diversos setores da população, passando por uma política econômica permeada de pressões internas e externas. Mas essa análise mais aprofundada escapa ao objetivo dos parágrafos que seguem. O fato é que, em massa, os nossos vizinhos se põem em marcha.

O resultado mais visível aparece cruamente nas fronteiras com a Colômbia e com o Brasil, especialmente nas cidades de Cúcuta e Boa Vista. Estende-se também para o interior desses e de outros países vizinhos. São bem conhecidos seus rostos onde se misturam dor e esperança: jovens solitários de ambos os sexos, alimentando o sonho do trabalho e moradia que a pátria lhes nega; famílias completas com

crianças, na esperança de um futuro menos penoso; idosos e doentes, à procura de proteção e saúde; consumidores em geral, em busca de produtos básicos difíceis de encontrar na própria nação. Evidente que entre essa multidão em fuga, identifica-se uma parcela de prófugos e refugiados, tentando escapar a algum tipo de perseguição.

Antes dos venezuelanos, temos ainda bem vívida a imagem da diáspora haitiana, devido ao terremoto de janeiro de 2010. Terremoto que, sem qualquer exagero, pode ser tomado como metáfora para os terremotos de ordem econômica, política e social que sofreu o Haiti ao longo de sua história. Desde então, milhares de haitianos passaram por Manaus, Cuiabá e São Paulo (Brasil), por Santiago, Iquique e Arica (Chile), por Tacna e Lima (Peru) ou por Tijuana e outras cidades da fronteira entre México e Estados Unidos. Boa parte ainda se move pelos países vizinhos em busca de oportunidades de trabalho e de melhor futuro.

O leque da mobilidade humana, porém, é muito mais abrangente. Da mesma forma que a economia, tornou-se globalizado e planetário. Por trás das numerosas rotas migratórias e na raiz dos movimentos migratórios, encontra-se a violência aliada a condições de vida extremamente precárias e desumanas. Conflitos armados varrem áreas inteiras do Planeta, jogando à estrada milhões de sírios, afegãos, iraquianos, africanos da região subsaariana, asiáticos, e assim por diante. Depois, a intolerância de caráter político, ideológico ou religioso põe em fuga outros milhares de refugiados Rohingyas, que deixam Myanmar em direção a Bangladesh, de curdos no limite com a Turquia ou de palestinos na fronteira com Israel.

Por fim, contam-se às dezenas de milhares os que, nos países periféricos da Ásia, da África e da América Central e do Sul, procuram escapar à pobreza, à miséria e à fome, para bater às portas dos países centrais, como se vê, com frequência, nas cidades mexicanas fronteiriças de Tijuana e Nueva Laredo, na tentativa de alcançar o Eldorado Norte-americano; ao norte da Líbia e da Tunísia, na esperança de cruzar a rota mediterrânea e desembarcar no sul da Itália ou da Espanha; no interior da Turquia, com o sonho de atravessar a rota balcânica em direção à Grécia e à Europa; e ainda na ilha de Batam, Indonésia, com os olhos voltados para a próspera Singapura. Por toda parte, na mesma proporção que se dificulta a possibilidade da migração legal, as fronteiras transformam-se em panelas de pressão, prestes a explodir. Aos emigrantes de ida, somam-se os expatriados de retorno, recusados por leis de imigração cada vez mais rígidas, defensivas e excludentes.

Os números nultiplicam-se às centenas de milhões. Aqui, porém, interessam menos as estatísticas, tabelas, porcentagens. O que nos chama e interpela, para além dos números, são os olhos apagados e desesperançados dos migrantes, mas com chamas acesas de fé no amanhã; os rostos cavados por décadas e séculos de sofrimento, embora também rejuvenescidos pelo sonho de dias melhores; corpos cansados e curvados pelo peso dos anos e dos fardos, mas com asas nos pés em vista de qulquer alternativa no horizonte, crianças carentes e esqueléticas pela miséria e a fome, adultas antes da adolescência. Todos e todas com o olhar fixo na possibilidade de encontrar um lar, uma família, uma casa, um emprego, uma pátria. Todos e todas em fuga, mas a fuga tende a converter-se em nova busca, à medida que corações, portas e mentes se abrem.

Migrações: crise e encruzilhada

Sempre a partir da VRC, e tendo como pano de fundo a Palavra de Deus, sigamos mais de perto a trajetória dos migrantes. Nomes, rostos e histórias pessoais, mas também os grandes movimentos de massa. Antes de tudo, é necessário prestar atenção ao discurso das autoridades políticas, dos meios de comunicação e do público em geral. De início, não podemos esquecer que a linguagem jamais é neutra. Por isso convém evidenciar algumas expressões correntemente utilizadas para definir a mobilidade humana em geral: "crise migratória", "crise humanitária", "invasão de nosso país" (para não falar de "onda negra" e coisas do gênero).

Permitam-me, a esta altura, uma citação um tanto longa do teólogo alemão Moltmann:

> A palavra "crise" mede o evento novo e incompreendido sobre a base da ordem tradicional da vida humana, que agora entrou em crise e encontra-se ameaçada, e por isso deve ser salva, conservada ou renovada. A expressão "crise" refere-se sempre à ordem. A "crise" coloca em questão a ordem e pode, portanto, ser dominada somente mediante uma nova ordem. O fato que neste evento que é percebido como "crise" exista, por outro lado, algo "novo, é um fato que permenece ignorado. A filosofia da história que assume o aspecto de filosofia da crise há, portanto, sempre um caráter conservador[2].

O conceito de crise – seja ela individual ou familiar, social ou institucional – comporta grande dose de ambiguidade. Há uma primeira

2 MOLTMANN, Jurgen. Teologia della Speranza, Ed. Queriniana, Brescia, 1970, pag. 267 (tradução própria)

fase que consiste numa mistura de fracasso, queda, abatimento, impotência, prostração. Temos a sensação de que o chão foge sob os pés, as estrelas se apagam no céu e os marcos desaparecem da estrada. Medos, dúvidas, inquietações e turbulência tomam conta da alma.

Mas há uma segunda fase que representa um passo adiante. Medo e prostração são superados por uma nova forma de energia que leva a criar coragem, levantar a cabeça e caminhar para a frente.

No primeiro momento, predominam as emoções e sentimentos, umedecidos com o choro e as lágrimas. Tornamo-nos cegos e surdos, em meio a uma espécie de névoa indistinta. No segundo momento, porém, a razão começa a decifrar a névoa e a vislumbrar com maior nitidez os contornos das coisas. Tomando em conta o fenômeno da migração, toda crise como momento negativo possui seu lado positivo: migração é fruto de violência e pobreza, sem dúvida, mas pode também transformar-se em ponto de partida para o desenvolvimento de novas potencialidades.

A hora do abatimento é o que se convencionou chamar de crise propriamente dita. Traz consigo a tentação do isolamento, de fechar-se em si mesmo, de esconder-se atrás de um mutismo indecifrável, de retornar ao berço ou ao colo da mãe. Saudosismo do passado e da ordem, conforme as palavras de Moltmann. Em casos extremos, a fase negativa da crise pode levar ao desejo da morte. Vemos isso em pelo menos dois profetas do Antigo Testamento: "Geremias, com seu grito, "maldito seja o dia em que eu nasci" (Gr 20,14), e Jonas no ventre do peixe, o que simbolicamente é como retornar ao ventre materno ou desejar jamais ter nascido (Jn 2,3-30).

Superado o momento do pranto e da cegueira, entretanto, vem a encruzilhada. Esta supõe vários caminhos, uma escolha e um reinício. É hora de enxugar as lágrimas, erguer-se do solo e tomar uma decisão. Enquanto a crise tem olhos fixos no passado, a encruzilhada precrusta o horizonte e suas possibilidades ainda nebulosas. Representa a dimensão "nova" entre as ruínas e escombros da velha ordem, nos termos de Moltmann. Se a crise significa um sulco na história – seja ela individual ou social – a encruzilhada vê nela a oportunidade de jogar a semente. Não é tempo de colheita, mas de semeadura. A crise tende a paralisar, a encruzilhada abre o campo a renovadas alternativas. No caso do migrante, crise é sinônimo de fuga de uma situação insustentável, ao passo que encruzilhada é sinônimo de busca de um solo a que se possa chamar de pátria. Neste caso, entra em cena o desenho divino para a história da salvação. A fé é o caminho da superação da crise pela visão da encruzilhada.

De acordo com relatos de muitos migrantes, estes poucas vezes se consideram somente como vítimas do contexto histórico ou de determinado sistema de exploração. Sem deixar de sê-lo, eles são também sujeitos do próprio destino, na exata medida em que se deixam guiar pela mão de Deus e pela esperança de dias melhores. Mesmo vulnerável a todo tipo de exploração e submetido aos piores serviços, ele tem a capacidade de tomar consciência e de refazer o tecido da própria existência. Certo, não é fácil, mas "o sorriso da pátria e o conforto da fé" são seus companheiros e aliados. Mas fica a pergunta: quem poderá acompanhá-los com tais sinais de esperança em dias melhores? Mais concretamente, em que medida os religiosos e religiosas podem se tornar uma espécie de farol que os conduz a um porto seguro?

Convém jamais esquecer que o migrante simboliza a condição humana sobre a face da terra: somos todos estrangeiros, peregrinos e com o coração irrequieto, enquanto não encontramos repouso na Casa de Deus[3]. A reconstrução da identidade de quem está em caminho, contudo, ao mesmo tempo que incorpora novos valores, rejeita contravalores ultrapassados. Como qualquer organismo vivo, toma e rechaça aquilo que o faz renovar-se a todo instante. Nessa dinâmica dialética, o solo, o sangue e a solidariedade são ingredientes vitais. Mas também os são a crença e as expressões religiosas. Por isso é que a presença da Igreja, em geral, e do fermento da Vida Religiosa Consagrada, em particular, conferem ao migrante um apoio fundamental.

O desafio é duplo: resgatar a história e a cultura das pessoas e povos que chegam, com sua expressões e seus valores: e, ao mesmo tempo, ajudá-los a inserir-se na comunidade de destino. As duas dimensões devem caminhar lado a lado, pois o migrante, além de raíz, deve criar forças para levantar-se novamente e caminhar com os próprios pés. O resgate da história sem a tentativa de inserção pode levar a um saudosismo doentio e ineficaz. Por outro lado, a inserção no novo lugar sem levar em conta as diferenças culturais e religiosas pode significar abdicação dos próprios valores.

Dupla igualmente é a tarefa da acolhida e da assistência. Não basta resolver as primeiras necessidades, é preciso oferecer condições reais para o trabalho e a autonomia da família. O modo de receber quem chega, de outro lado, pode levar a dois extremos: o gueto ou a dispersão. Por dispersão, entende-se uma crescente diluição do migrante na sociedade de destino, até desaparecer como pessoa ou como grupo. Por

3 Santo Agostinho, *Confissões*

gueto, entende-se o isolamento num grupo fechado, gerando não raro mútuas hostilidades entre os de "dentro" e os de "fora". Entre os dois extremos, encontra-se a comunidade. Enquanto esta permanece sempre aberta ao diálogo e à chegada de novos membros, o gueto encerra-se sobre si mesmo, e a dispersão conduz ao anonimato, especialmente nas grandes cidades, para onde se destina a maior parte dos migrantes.

Fronteira: experiência do "não lugar"

O termo fronteira representa o pano de fundo para entender os conceitos com os quais iniciamos esta reflexão. Fronteira é terra de ninguém e terra de todos. Lugar de ambiguidade, onde se misturam ilusões e desilusões, sonhos e pesadelos, bandeiras e culturas, línguas e moedas. Terra de medo e de ameaça, mas também de novas potencialidades. Os pés pisam um solo estranho, mas podem abrir veredas para uma nova cidadania. Lugar de imensas multidões de sem pátria, e ao mesmo tempo possível trampolim para um novo solo pátrio.

De acordo com alguns estudiosos, podemos entender a fronteira como uma espécie de "não lugar". Não tanto no sentido que lhe dá Marc Augè ("não lugar" como ausência de qualquer tipo de familiaridade – aeroportos, shopping centers, etc.). Preferimos a ideia do sociólogo português Boaventura de Souza Santos, para quem "não lugar" tem mais a ver com o campo habitado pelos desprovidos de espaço vital próprio, como também desprovidos de documentos, de trabalho, de direitos e de dignidade humana. Existências destroçadas e fragmentadas por um vaivém cada vez mais repetitivo, atrás dos trabalhos mais sujos e pesados, mais perigosos e mal remunerados. "Vidas em migalhas", segundo a expressão de Zygmunt Bauman[4].

Diferentemente das chamadas migrações históricas, durante o século XIX e início do século XX, as quais tinham uma origem e um destino mais ou menos pré-determinado e uma certa orientação, os deslocamentos humanos atuais são bem mais complexos e diversificados. A terra natal é sempre o lugar de partida, sem dúvida, mas o destino definitivo permanece incerto e imprevisível. Se antes a migração previa uma chegada a uma terra relativamente pré-fixada, agora cada ponto de chegada converte-se em novo ponto de partida.

Em vez de passar de um polo a outro, de um desenraizamento a um

4 BAUMAN Zigmunt. *La vie en Miettes*, experience postmoderne et moralité, Librairie Arthème Fayard/Pluriel, 2014, Paris.

novo enraizamento, as pessoas e famílias migram por etapas, deixando sempre aberta a possibilidade de fixar-se ou seguir adiante. Tais etapas, como é de se esperar, repetem, uma e outra vez, a experiência de fronteira como "não lugar". "Se as aves e as sementes migram nas asas do vento" – como escrevia o Bem-aventurado Scalabrini, pai e apóstolo dos migrantes – os migrantes de hoje o fazem seguindo os ventos do capital globalizado, que os empurra sempre mais além. Em lugar de casas onde se estabelecerem, são forçados a construir tendas. Veremos a seguir que o Deus de Israel é o Deus da tenda. Em lugar de estabelecer-se no Templo, prefere caminhar com seu povo pelas estradas do êxodo, do deserto, do exílio, da diáspora e do caminho. Não custa perguntar até que ponto nossas casas de religiosas continuam sendo tendas ou converteram-se em fortalezas. A tenda mantém as portas abertas, a fortaleza as fecha, tornando-se não raro o túmulo de quem a construiu.

Fronteira: busca de um novo lugar

Desde um ponto de vista bíblico-pastoral, a fronteira revela-se como um lugar teológico por excelência. Bastaria um sobrevoo pela experiência libertadora do êxodo, pelo movimento profético do Antigo Testamento, pela figura do profeta itinerante de Nazaré ou pela destemida aventura do apóstolo Paulo – para constatar como o Bom Pastor de Jesus Cristo, caminhando pelos espaços da fronteira, se compadece dos "famintos, sedentos, estrangeiros, sem-roupa, doentes, prisioneiros", da "ovelha perdida" ou do homem "caído" à margem da estrada. Disso resulta que o "não lugar" da fronteira pode converter-se no "melhor lugar" para lançar os alicerces do "novo lugar". Numa palavra, o "não lugar", onde habitam os sem-pátria, passa a figurar como o lugar privilegiado da utopia do Reino de Deus.

Por outro lado, no relato evangélico sobre a infância de Jesus, o filho de José e Maria nasce numa gruta, fora dos muros de um lar e da própria da cidade. "Não havia lugar para eles dentro de casa", escreve o evangelista (Lc 2,7). Ao final, como condenado ao patíbulo da cruz, Jesus deverá ser executado novamente fora dos muros de Jerusalém (Jo 19, 16-18). E mesmo durante o seu ministério público, o Mestre "percorria todas as cidades e povoados (...). Vendo as multidões, Jesus teve compaixão, porque estavam cansadas e abatidas, como ovelhas que não têm pastor" (Mt 9, 35-38). Quem seriam as multidões cansadas e abatidas de nossos dias?

Dos parágrafos precedentes, deduz-se que o Reino de Deus mergulha suas raízes mais profundas na fronteira, no "não lugar", na periferia da

sociedade. Da mesma forma que o Senhor Deus viu a aflição de seu povo escravo no Egito, ouviu seu clamor, conheceu seu sofrimento e desceu para libertá-lo e conduzi-lo a uma tera "onde corre leite e mel" (Ex 3, 7-10), Jesus segue de perto os passos dos pobres e indefesos, dos cegos e orimidos, dos leprosos e pecadores, dos excluídos e marginalizados. Acompanha os discípulos de Emaús, no momento da tristeza, do fracasso, da tragédia e da fuga de Jerusalém para Jericó (Lc 24, 13-35).

As quatro formas verbais do Livro do Êxodo, todas na primeira pessoa do singular e todas atribuidas a Deus – *viu, ouviu, conheço e desceu* – constituem um verdadeiro programa para a Vida Religiosa Consagrada diante de situações onde os direitos são violados e a dignidade humana aviltada. De semelhantes realidades, evidente que o fenômeno migratório se destaca atualmente como uma das mais emergentes. Estima-se em mais de 250 milhões o número de pessoas que residem fora do país em que nasceram, sendo que entre 30 e 50 milhões são refugiadas. Isso sem contar os deslocamentos no interior de cada país, os trabalhadores temporários ou pendulares. Como traduzir na espiritualidade, na vida comunitária e na missão tais formas verbais? Não basta ver, ouvir e conhecer! O texto acrescenta a necessidade de descer aos caminhos onde os migrantes se põem em marcha e, de uma forma ou de outra, fazem igualmente marchar a história.

A lição dos pés a caminho

Mas os migrantes têm algo mais a dizer à VRC. Quem muito caminha, de fato, tem muitas coisas a ensinar. De imediato, costuma liberar-se do que não convém, para não tornar o fardo demasiado pesado e difícil de carregar. Concentra-se naquilo que lhe é fundamental. "O supérfluo é oneroso, mas o essencial é gratuito", diz o filósofo francês Frédéric Lenoir[5]. O caminhante mantém os olhos fixos na meta a ser alcançada, desviando-se apenas o necessário e quando é absolutamente indispensável. O caminho comporta a lição de saber depurar a mala, mas também a de purificar a alma. Saber deixar de lado coisas que, além de não servir, vão pesar e atrapalhar; purificar-se de sentimentos e atitudes que, além de ferir os demais, destilam veneno no interior das próprias entranhas. Desfazer-se do que é secundário e descartável, para ir ao encontro do "tesouro escondido no campo" (Mt 13,44). Ao manter o foco da caminhada, o migrante lembra-nos o foco da

5 LENOIR, Frédéric; *L'anima del mondo*, Ed. Bompiani, Firenze, 2017, pag. 73

própria VRC. Desfazer-se de um consumismo exacerbado, do qual o mundo é tão pródigo e apelativo, torna a travessia bem mais sóbria, leve e alegre. Neste ponto, o voto de pobreza coincide hoje com diversas exigências ligadas à preservação do meio ambiente. Ou a uma economia social e evangélicamente sustentável.

Não só vítima mas também sujeito dos própios passos, o migrante torna-se protagonista no cenário da história. Se o ato de migrar, por si só, é consequência de certos contextos econômicos e políticos, mobiliza, por sua vez, novas forças que movem os fatos históricos. Ao colocarem-se em marcha, os forasteiros fazem marchar igualmente os atores sociais dos acontecimentos que marcam o tempo. Constituem um termômetro para medir não somente o bem-estar de uma sociedade, mas também seu nível moral e religioso de acolhida. Termômetro na saída, denunciando o solo natal que lhe nega uma cidadania digna e justa; termômetro na chegada, anunciando a possibilidade de uma pátria conjugada no plural, aberta a todos os povos e nações. Os migrantes são, em última instância, critério mesmo da salvação: "era migrante e me acolheste" ou "era migrante e não me acolheste" (respectivamente, Mt 25,35 e Mt 25, 43).

A resistência e a solidariedade são também lições do caminho. Quem caminha sofre o cansaço, a sede, a fome, a solidão; tem necessidade de abrigo, de repouso e de companhia. Só assim será capaz de retomar a estrada com novas forças e ânimo renovado. Os migrantes, em geral, encontram na rede familiar e de parentesco um primeiro apoio na origem e no destino. Semelhante rede de apoio pode converter-se em modelo para outras formas de assistência pessoal, social, jurídica, psicológica, espiritual, etc. Nos lugares de saída, trânsito ou destino, encontram um percurso cheio de adversidades. Ali podem-se desenvolver novas formas de solidariedade que trazem à tona os quatro verbos do papa Francisco: *acolher, proteger, promover e integrar.* Também nestes quatro verbos, a VRC tem muito a contribuir, na exta medida em que se abre ao outro e ao totalmente Outro.

Enfim, na medida em que se ampliam os rostos da migração e em que esta se torna mais numerosa, diversificada e complexa, impõe-se na Pastoral dos Migrantes o desafio de passar da mera multiculturalidade à interculturalidade. Não basta a convivência pacífica entre pessoas, línguas, povos e nações. Não basta condividir histórias, celebrar expressões culturais, partilhar riquezas mútuas. É preciso ir além, deixar-se interpelar, abrir-se ao diálogo. Não apenas a coexistência no mesmo espaço, mas também o encontro e reencontro, o confronto e intercâmbio de valores e contravalores será capaz de nos purificar e enriquecer

reciprocamente. "O mundo é belo pela variedade de suas paisagens. A vida espiritual é bela pela multiplicidade de seus percursos", escreve um filósofo francês[6]. Nesta perspectiva, o encontro com o diferente pavimenta o caminho para o encontro com o Transcendente.

Conclusão

Como ponto final desta reflexão, vale a pena confrontar o retrato das migrações com o retrato de nossos institutos religiosos. O rosto das migrações diversifica-se cada vez mais. Novos povos, nações e grupos étnicos entram a fazer parte do cenário da mobilidade humana. Difícil hoje encontrar um país que não esteja envolvido nesse fenômeno de deslocamento de massa, seja como país de origem, de trânsito ou de destino – quando não as três coisas ao mesmo tempo. A cada dia, pelas ruas ou pela tela da TV ou do smartphone, tropeçamos com "os mil rostos do outro".

Não é tão diferente o rosto interno de nossos institutos de vida consagrada. Também estes tornam-se cada vez mais plurais e coloridos. Novos costumes, novas culturas e novos valores integram nossas casas de formação e nossas comunidades religiosas. O rosto mais familiar de europeus e descendentes passa a conviver com o rosto dos asiáticos e dos africanos. Somos diariamente confrontados com novas expressões culturais e rituais religiosos.

Semelhante pluralismo de caráter cultural e religioso – tanto nas migrações quanto na VRC – representa simultaneamente uma riqueza e um desafio. O desafio está em ultrapassar o nível da multiculturalidade ao da interculturalidade. Isto é, não basta a convivência pacífica com o outro, o diferente, o estrangeiro. É preciso ir além, no sentido do confronto, da empatia mútua e do diálogo. Só assim o intercâmbio pode gerar um enriquecimento recíproco. Exercitando essa prática no interior de nossas comunidades, será mais fácil repeti-la na ação sociopastoral; e inversamente, se a missão abre espaço para um verdadeiro encontro entre diferentes visões de mundo, será mais fácil promover a abertura dentro da VRC.

Vida comunitária, percurso espiritual e ação transformadora constituem três dimensões da VRC. As três se integram, se complementam, se interpelam e se reforçam mutuamente. Tendo em vista o fenômeno da mobilidade humana, *ad intra ou ad extra*, o desafio permanece o mesmo: abrir-se à irrupção de Deus na história, seja ela pessoal, institucional ou universal.

6 LENOIR, Frédéric, idem, pag. 36

Perguntas

a) Quais os rostos mais expressivos da migração atual?

b) Qual a relação entre VRC e mobilidade humana?

c) Quais elementos para uma espiritualidade do caminho?

REFLEXÃO-MEDITAÇÃO SOBRE MONSENHOR ROMERO

Pe. Jon Sobrino, sj[1]

"Monsenhor passou fazendo o bem e curando os possuídos pelo Diabo porque Deus estava com ele. Foi pendurado em um madeiro e Deus o ressuscitou".

Em 15 de agosto, Monsenhor Romeiro teria cumpletado 100 anos. Em sua memória, publico este artigo sobre sua pessoa e obra. E anexo a carta que lhe escreveu Ignacio Ellacuría de Madri, em 9 de abril de 1977, pouco depois do assassinato do Padre Rutilio Grande. A carta expressa magnificamente quem foi Monsenhor Romero para Ellacuría.

É compreensível tratar do Monsenhor Romero por partes para oferecer sua totalidade. Entendo que esta questão é o que pretende este número da *Sal Terrae*[2] ao abordar quatro dimensões de sua pessoa, de seu ser e fazer, sofrer e desfrutar, viver em plenitude. 1. Sua biografia, espiritualidade e conversão. 2. Seu ministerio, liderança e homilias. 3. Seu compromisso com a justiça e com os pobres. 4. A presença de Monsenhor Romero hoje, sua ressurreição. A mim pediram-me que escrevesse sobre o terceiro ponto: seu compromisso com a justiça e com os pobres.

1 Jon Sobrino é um sacerdote e teólogo espanhol que vive em San Salvador desde de 1957, importante expoente da Teologia da Libertação.

2 *Sal Terrae* é uma revista de teologia pastoral da Companhia de Jesus, com vocação de serviço eclesial e social. (Revista *Sal Terrae* – Espanha – Grupo de Comunicação Loyola)

Venho fazendo isso desde seu assassinato em 1980, e o leitor compreenderá que nada muito novo eu posso dizer. Talvez alguma reflexão por ocasião de sua beatificação e canonização, além de ideias e fragmentos de textos já publicados. E destaco o que me pedem na seguinte tese: "Em seus três anos como arcebispo de San Salvador, Monsenhor Romero pareceu-me com Jesus de Nazaré". É o que digo no título.

Esse "parecido" com Jesus tem uma dimensao de totalidade. Assim foi reconhecido por pessoas que conheceram de perto o Monsenhor, e o fizeram a partir de uma avaliação/conceituação própria e específica. Basearei meu texto em duas dessas formulações que, para mim, cada uma, na sua maneira, recolhem o fundamental: Monsenhor Romero, durante três anos, pareceu-se com Jesus de Nazaré".

A primeira é de um camponês: "Monsenhor Romero disse a verdade. Defendeu-nos a nós, os pobres. E por isso o mataram". A segunda é de Ignacio Ellacuría, no funeral da UCA (Universidade Centro América): "Com Monsenhor Romero, Deus passou por El Salvador".

As palavras do camponês

Monsenhor Romero disse a verdade

Assim começou o camponês. É equivalente ao que disse Pedro: "Jesus passou fazendo o bem". Dizer verdade o configurou. Monsenhor dizia a verdade com determinação, esteve possuído por ela e a disse com *pathos* (paixão). Quando a realidade era boa notícia para os pobres, Monsenhor dizia a verdade como evangelho, com exultação. Quando a realidade era opressão e repressão, crueldade e morte, especialmente para os pobres, Monsenhor dizia a verdade como denúncia e desmascaramento. Encharcado da verdade, Monsenhor foi evangelizador profundo e profeta incorruptível.

Dizer que Monsenhor Romero dizia a verdade com determinação pode parecer muito abstrato, e pouca coisa, em comparação com outras coisas que fez. Porém, assim começou o camponês, e por boas razões. "Dizer" pressupunha estar em contato *imediato* com a realidade exterior em que vivia e com a realidade do seu interior. "Dizer" era, para Monsenhor Romero, "ser" em total profundidade.

Ao dizer a verdade com determinação, Monsenhor Romero emitiu juízos sobre toda a realidade. Deixou que a realidade tomasse a palavra

(Karl Rahner). E foi conseqüentemente honrado fazendo pública essa palavra que pronunciava a própria realidade. Em minha opinião, aqui está a raiz última do impacto da palavra do Monsenhor. Dado o lamentável estado em que então estava a verdade no país de El Salvador, o impacto foi imenso. Como imenso seria hoje se as democracias USA, a União Europeia, os mundos globalizados, as instituições eclesiásticas e religiosas deixassem a realidade tomar a palavra e dizer sua verdade. Alguns poderiam atenuar este juízo afirmando, com razão, que algo melhorou na liberdade de expressão, o que não implica melhoria na vontade de verdade. A prova é que não se correm riscos – o que remete à vontade – por dizer a verdade – o que remete à realidade.

Na tradição bíblica, "dizer a verdade" é um imperativo que vem de longe. E de longe também vem quanto perigoso é o âmbito em que se move a verdade. "O maligno é assassino e mentiroso", disse o evangelho de João (8, 44). Primeiro, ele dá a morte, e depois a oculta. Monsenhor Romero foi consciente disso. E, além disso, em consonância com Puebla, viu que a finalidade última de dizer a verdade consistia em "defender o pobre".

A partir destas convicções, Monsenhor Romero disse a verdade de forma nunca antes conhecida no país. Disse-a com vigor, pois se remetia ao fundamental: "nada há de tão importante como a vida humana. Sobretudo a pessoa dos pobres e oprimidos" (16 de março, 1980). Disse a verdade extensivamente, para poder dizer "toda a verdade". E a disse publicamente, "a partir dos telhados", – como pedia Jesus – na catedral e por meio da YSAX[3]. Disse a verdade popularmente, aprendendo muitas coisas do povo, de modo que, sem saberem, os pobres e camponeses eram coautores de suas homilias e cartas pastorais. "Entre vocês e eu fizemos esta homilia" (16 de setembro, 1979). E foi também popular em duplo sentido. Respeitou e apreciou a "razão", o pensar do povo, da gente simples. E por sua vez evitou, com êxito, as tentativas de infantilização, tentação normal em discursos políticos, muitas vezes na pastoral, e inclusive no pano de fundo de atividades acadêmicas.

Em momentos mais importantes, disse a verdade solenemente. Denunciou: "Este é o império do inferno" (1º de julho, 1979). Consolou e deu esperança: "Sobre estas ruínas brilhará a glória do Senhor" (7 de janeiro, 1979). "Em nome de Deus, pois, e em nome deste povo sofrido, cujos lamentos sobem até o céu, cada dia mais tumultuosos,

3 Radio **YSAX**, Radio Católica perteneciente a la Arquidiócesis **de San Salvador.**

suplico-lhes, rogo-lhes, ordeno-lhes em nome de Deus: cessem a repressão!" (23 de março, 1980). Foi absolutamente imprevisível, tanto para amigos, quanto para inimigos.

Seu modo de "dizer a verdade" levou-o a ser pioneiro do que agora se chama "a memória histórica". Não é invenção de agora. A Monsenhor surgiu naturalmente. Falava com precisão escrupulosa, com o melhor "*espírito de geometria"* de Pascal, mencionando todos e cada um dos nomes das vítimas, familiares abandonados, os autores das vítimas, lugar e tempo, circunstâncias. E o fazia com total delicadeza e cheio de dor. "Meu coração ficou horrorizado quando vi a mãe com suas nove crianças pequenas, que vinha me informar. Segundo ela, encontraram (o esposo) com sinais de torutura e morte. Ali está esta esposa com essas crianças desamparadas. É necessário que os lugares que ficaram desamparados como este recebam ajuda. O criminoso que desampara um lugar tem obrigação em consciência de ajudar a sustentar esse lugar" (20 de novembro, 1977). É o *"espírito de fineza"* de Pascal, que deve estar encharcado de memória histórica.

E também fez realidade a memória histórica, mais esquecida hoje, a recordação da bondade, da entrega, da esperança e da confiança em Deus de muitos mártires, muitos deles mortos pela justiça, inocentemente, sem defesa, massivamente e cruelmente. Não se preocupou muito, penso que nada, que Roma fosse reconhecê-los, que fosse beatificá-los, canonizá-los. Ao falar deles, Monsenhor agradeceu pela sua vida e morte. Assim os manteve vivos.

Disse a verdade, como Jesus falou: "como quem tem autoridade, não como os letrados". "A gente ficava assombrada de sua doutrina". A autoridade não lhe vinha, como tampouco a Jesus, de sua origem: "de Nazaré – da cidade de Barrios – pode sair coisa boa?" Nem tampouco de sua condição de bispo, pois em seu tempo – e desgraçadamente depois – vários bispos do país não eram nada respeitados pelas torpezas que diziam e cometiam. A autoridade de Dom Romero não vinha de adições categóricas convencionais – títulos, autoridade hierárquica... -, mas de coisas reais: sua autenticidade e convicção, expressas em sua honradez com o real e em sua coerência entre o dizer e o fazer. Monsenhor crescia e se desdobrava em seu fazer justiça e em seu amar o povo. E cresceu cada vez mais em correr riscos por defendê-lo, muito consciente do que lhe poderia acontecer. E que aconteceu.

Dizer a verdade significou também "desmascarar" o que se encobre, condenar os "cosméticos" com que, hipocritamente, se maquila a violação dos mandamentos da lei de Deus: não depredar, não acumular, e não matar para depredar e acumular. Monsenhor manteve viva a exigência total, *sine qua non*, do oitavo mandamento: não mentir. E ao dizer a verdade, Monsenhor fazia presente "a ira de Deus (que) se revela contra toda classe de homens ímpios e injustos que *aprisionam a verdade com sua injustiça*" (Rom, 1, 18).

Monsenhor deixou sem maquiagem e desmascarou a riqueza. "Eu denuncio, sobretudo, a absolutalização da riqueza, esse é o grande mal de El Salvador: a riqueza, a propriedade privada, como um absoluto intocável. E ai de quem toque esse arrame de alta tensão! Queima-se". (12 de agosto, 1979). Desmascarou a violação do sétimo mandamento, o pecado original.

Sua maior crítica severa e feroz foi contra a morte injusta e cruel. "Não me cansarei de denunciar o atropelo por capturas arbitrárias, por desaparecimentos, por torturas" (24 de junho, 1979). "A violência, o assassinato, a tortura, que provoca muitas mortes, fincamento de estacas e lançamento de pessoas ao mar: isto é o império do inferno" (1º de julho, 1979). Desmascarou a violação do quinto mandamento, quando esta é necessária para depredar ou manter o depredado.

Clamou contra os meios de comunicação e discursos oficiais. "Falta em nosso ambiente a verdade" (12 de abril, 1979). "Sobra quem tem sua pena paga e sua palavra vendida" (18 de fevereiro, 1979). Estamos em um mundo de mentiras onde já ninguém crê em nada" (19 de março, 1979). "Desmascarou a violação do oitavo mandamento, o que ocorre para encobrir a violação dos anteriores. E escândalo e encobrimento são interdependentes.

Façamos uma pausa reflexiva. No título, recordamos as palavras de Pedro sobre Jesus: *"passou a vida fazendo o bem*". E no sentido preciso de fazer o bem analisamos as palavras do camponês: *"Monsenhor disse a verdade".* Deveria ser evidente que dizer a verdade é fazer o bem. Porém, a realidade pode chegar a ser tal, que dizer a verdade pode ser *fazer o maior e mais necessário dos bens.* Isso é o que aconteceu em 23 de março de 1980, véspera de seu assassinato. Julgue o leitor se *ao dizer a verdade Monsenhor Romero não passou fazendo o máximo bem.*

Eu queria fazer um chamado de maneira geral aos homens do exército, e em concreto as bases da Guarda Nacional, da Polícia dos quartéis.

> "Irmãos, são de nosso próprio povo, matam seus próprios irmãos camponeses, e, diante de uma ordem de matar dada por um homem, deve prevalecer a lei de Deus, que disse: "Não matar"★. Nenhum soldado está obrigado a obedecer a uma ordem contra a lei de Deus★. Uma lei imoral ninguém tem de cumpri-la★. Já é tempo de que recuperam sua consciência e que obedeçam antes à sua consciência que à ordem do pecado.★ A Igreja, defensora dos direitos de Deus, da lei de Deus, da dignidade humana, da pessoa, não pode ficar calada diante de tanta abominação. Queremos que o governo leve a sério que de nada servem as reformas se são tingidas de tanto sangue.★

Em nome de Deus, pois, e em nome deste sofrido povo, cujos lamentos sobem ao céu cada vez mais tumultuosos, suplico-lhes, rogo-vos, ordeno-lhes, em nome de Deus: cessem a repressão!★★★".

[Os asteriscos ★★★ expressam os aplausos com que as pessoas na catedral respondiam às palavras do Monsenhor].

E antes de terminar a homilía com essas palabras, com espanto diante da realidade do país, e com claros presságios sobre seu próprio assassinato, sereno e comovido, explicou ao mundo como preparava a homilia do domingo. "Peço ao Senhor, durante a semana, enquanto vou recolhendo o clamor do povo e a dor de tanto crime, a ignomínia de tanta violência, que me dê a palavra oportuna para consolar, para denunciar, para chamar ao arrependimento" (23 de março de 1980).

Monsenhor disse a verdade porque se comoveram suas entranhas – a misericórdia que insistentemente nos recorda o papa Francisco. E nele pôs toda a sua vida em jogo, como veremos em seguida. Foi isso, para Monsenhor, "passar a vida fazendo o bem".

"Monsenhor defendeu a nós, os pobres"

Então continuou o camponês. Quero recordar agora que Puebla havia falado da opção pelos pobres, porém com uma precisão que normalmente não é levada em conta. Disse que "Pelo simples fato de serem pobres, Deus os defende e os ama." A opção pelos pobres consiste, então, em amar os pobres – ajudá-los, cuidar deles de mil maneiras, mas, antes de tudo, defendê-los". É o que intuitivamente captou o camponês, e falou com precisão. "Monsenhoor defendeu a nós, os pobres". Não tenho nada a acrescentar a esta solene sentença do camponês. Nem à linguagem que usou: "defendou-nos a nós, os pobres", quer dizer, por sermos pobres". Vou apenas tentar mostrar como monsenhor defendeu os pobres e oprimidos do país.

Monsenhor defendeu a *organização popular* para defender os direitos dos camponeses. Apoiou o *Socorro Jurídico* para defender os direitos das vítimas. Quando aumentou a repressão, abriu as portas do seminário São José da Montanha para acolher os camponeses que fugiam de Chalatenango, o que surpreendeu e desgostou muitas autoridades eclesiásticas. E certamente defendeu os pobres com a verdade que proclamava publicamente em suas homilias. Espero que tenha ficado claro.

Porém, é preciso ter clareza. Defender supõe enfrentar os que agridem, causam pobreza, oprimem e reprimem. Por defender os pobres, Monsenhor enfrentou os que mentem e assassinam, fossem pessoas, instituições ou estruturas. E a sua foi uma defesa primordial, que ia além do que convencionalmente se entende por "defender e ganhar um caso". Nao foi esse seu horizonte, mas queria que ganhasse a realidade maltratada, que triunfassem a justiça e a verdade.

Este é o contexto de sua famosa denúncia do Supremo Tribunal de Justiça. Foi convocado publicamente para dizer os nomes dos "juízes que se vendem", que Monsenhor havia denunciado em sua homilia dominical. Os assessores de Monsenhor estavam assustados e nao sabiam como Monsenhor poderia se sair bem diante de tal intimação. Monsenhor não se alterou. Na homilia seguinte esclareceu, em primeiro lugar, que ele não disse "juízes que se vendem", mas "juízes venais". E sem mais delongas ele foi ao fundo da questão.

Que faz a Corte Suprema de Justiça? Onde está o papel transcendental em uma democracia deste poder que está acima de todos os poderes e reclama justiça a todo aquele que a atropela? Eu creio que grande parte do mal-estar de nossa pátria tem aí sua chave principal, no presidente e em todos os colaboradores da Corte Suprema de Justiça, que, com mais inteireza, deveriam exigir das câmaras, dos tribunais, dos juízes, de todos os administradores desta palavra sacrossanta, a justiça, que de verdade sejam agentes de justiça" (30 de abril, 1978).

Neste ponto, permita-me um parêntese referente a Igrejas e Universidades, para mencionar duas instituições que nos dizem respeito. Devem "fazer o bem", porém não somente ajudando o pobre, mas defendendo-o de seus agressores. E devem defendê-lo não somente em um ou outro âmbito de seus problemas, mas na totalidade – e certamente deve ser feito por uma universidade que é *universitas,* aberta por princípio à totalidade. Importantes e necessários são os institutos de direitos humanos, porém não bastam; o direito deve defendê-los. A economia deve defender da fome e combater quem, pessoas ou es-

truturas, a produzem, e mais quando a pobreza é consequência de um sistema que produz riqueza. O mesmo pode ser dito sobre a engenharia e sua capacidade de produzir espaços habitáveis ou desumanos. Das psicologias, que orientam ou desorientam diante do que ocorre com a saúde mental, pessoal e sobretudo social. Da medicina, da sociologia, da política, da história, da lituratura, da filosofia. E da teologia: como chegar a conhecer e pensar Deus em favor da e defensor da vida dos pobres, como caminhar com Ele humildemente na história, e como praticar Deus, como disse Gustavo Gutierrez.

Creio que Monsenhor foi defensor do pobre *movido por total humanidade*. Cinco dias antes de ser assassinado, um jornalista estrangeiro que lhe perguntava como ser solidário com o povo salvadorenho lhe respondeu: "*Aquele que não pode fazer mais nada que reze. E não se esqueça que somos homens … E que aqui estão sofrendo, morrendo, fugindo, refugiando-se nas montanhas "*. E seis semanas antes de ser assassinado, em Lovaina, com grande naturalidade elevou o humano empobrecido e agredido à realidade teológica. Ele introduziu os pobres no reino de Deus *"a glória de Deus é que o pobre viva"*.

"E por isso o mataram"

Estas palavras não precisam de comentário. O próprio Monsenhor disse "mata-se a quem incomoda. Por aqueles anos, em 1975, a CG XXXII pediu aos jesuítas "introduzirem-se na luta crucial de nossos tempos, a luta pela fé e a luta pela justiça que ela exige". E os padres da Congregação acrescentaram sabiamente: "não o faremos sem pagar um preço". A partir de então, o número de jesuítas assassinados por lutar contra a injustiça foi ao redor de 60. Segundo o que acabamos de dizer, "mata-se aquele que defende o oprimido".

No retiro que fez um mês antes de seu assassinato, Monsenhor Romero confiou ao Pe. Azkue os três temores que mais o afligiam. Um, devido ao espírito escrupuloso, era se levava bem sua vida espiritual. Outro, que o fez sofrer muito, sua grande dificuldade de trabalhar com seus irmãos bispos. E o que agora nos interessa, "o medo de uma morte violenta".

De fato, Monsenhor viveu três anos de morte anunciada. Estouraram bombas nos tempos, no seminário, em residências de religiosos e religiosas, em colégios católicos, na UCA. Houve atentados em instrumentos de trabalho da arquidiocese, na imprensa, na YSAX. Especialmente dolorosos e de advertência foram os assassinatos de seis sacerdotes, um jesuíta e cinco diocesanos. Sua morte estava *anunciada*.

Também durante três anos teve de viver com o ódio dos poderosos. Não o perdoavam, e não se arrependiam nem do dano que faziam aos pobres, nem do ódio que tinham do Monsenhor. Trinta e sete anos depois de sua morte, não sei quantos pediram perdão. Eu sei que alguns pediram.

Monsenhor Ricardo Urioste, seu vigário geral, recentemente felicido, tem repetido que "Monsenhor foi o salvadorenho mais querido e o mais odiado". É claro que foi o mais querido, que proporcionou alegria e dignidade ao povo. E é claro que o odiaram muito e muitos: soberanos, opressores e vitimizadores, esquadrões de morte, forças militares e de segurança, governantes e políticos - os de casa e os do império do norte -, muitas mídias sociais e alguns membros da hierarquia da Igreja, aqui e em Roma.

Porém, Monsenhor não devolveu o mal com o mal, e nunca odiou quem o odiava. A razão não era a acesse, mas que não podia ser de outra maneira. Muito pouco antes de sua morte, disse na homilia de 16 de março: "Dá-me mais pena que raiva quando me ofendem e me caluniam... Que saibam que não guardo nenhum rancor, nenhum ressentimento. Deixe-os saber que eu não guardo rancor, nenhum ressentimento". Monsenhor pôde suportar o ódio de alguns contra ele porque carregava o sofrimento dos pobres, dos oprimidos, das vítimas, e eles o acusaram. Quem ama e é amado assim não pode odiar ninguém. Ele só pode amar a todos.

Não sei o que pensará o camponês destas reflexões. Porém, para conhecer Monsenhor Romero, gosto de repetir suas palavras. "Monsenhor disse a verdade, nos defendeu a nós, os pobres. E por isso o mataram".

"Com Monsenhor Romero, Deus passou por El Salvador"

Também Ellacuría viu que Monsenhor "passou fazendo o bem". Em várias ocasiões, disse em detalhe o bem que fazia. E concluiu de maneira, se não idêntica, semelhante à de Pedro diante de Cornélio: "Deus estava com ele".

Suas palabras podem surpreender, ou assustar, mas para quem conheceu Ellacuría, não é pensável que falasse frivolamente de Monsenhor Romero e muito menos de Deus. Tornou-se cada vez mais difícil para Ellacuría falar de Monsenhor Romero sem ser forçado a falar sobre Deus, assim como ele disse uma vez que era "difícil falar de monsenhor Romero sem falar do povo".

Pedro, em casa de Cornélio, disse que *Deus estava com Jesus*. Ellacuría disse que *Deus passou com Monsenhor"*. Para entender ou intuir o que queria diazer Ellacuría, remeto-me a três textos seus que mencionamos em ordem teológica mais que cronológica. Neles, Ellacuría fala solene e teologicamente de Monsenhor Romero.

O primeiro texto é dos inícios do ministério de Monsenhor como arcebispo. O segundo, poucos meses depois de seu assassinato. O terceiro, e mais radical, na missa do funeral do Monsenhor, na UCA. Em cada um deles aparece uma afirmação telógica breve e lapidária sobre a relação que podemos chamar de funcional-real entre Mosenhor Romero e Deus, acrescentadas algumas afirmações explicativas das muitas e variadas realidades históricas que realizou Monenhor Romero, nas quais Ellacuría encontrou fundamento para as afirmações teologais. Disto vamos falar agora. Remeto ao meu artigo "O impacto de Monsenhor Romero em Ignacio Ellacuría", RLT 90 (2013), 195-212. Vejamos as afirmações teologais.

"Eu vi em sua ação o dedo de Deus" (198). "Deste exílio longínquo, quero mostrar-lhe minha admiração e respeito", começa Ellacuría a carta que escreveu a Monsenhor em 9 de abril de 1977, no exílio em Madri a propósito da reação de Monsenhor Romero depois do assassinato do padre Rutilio Grande, em 12 de março. E continua: "eu vi em sua ação o dedo de Deus". É a afirmação teologal. E acrescenta três razões explicativas para que a expressão não ficasse reduzida apenas a acompanhamento literário.

"Monsenhor Romero, um enviado de Deus para salvar seu povo" (200). Depois do martírio de Monsenhor, em novembro de 1980, a revista *Sal Terrae* pediu a Ellacuría que escrevesse um artigo sobre Monsenhor Romero. Assim o fez e publicou um texto com o título "Monsenhor Romero, um enviado de Deus". E acrescentou a explicação do que entende por salvação realizada por Monsenhor, tema sumamente importante para Ellacuría.

"Com Monsenhor Romero Deus passou por El Salvador" (220). O pensamento de Ellacuría sobre Monsenhor alcançou seu ponto culminante nesta formulação da homilia que pronunciou no funeral na UCA poucos dias depois do assassinato: "Com Monsenhor Romero, Deus passou por El Salvador".

Nestas palabras há genialidade de pensamento, e não conheço pastores nem teólogos, nem membros da congregação dos santos responsáveis

da beatificação de Romero que conceituassem e formulassem as coisas com tal radicalidade, e que se esmerassem em fundamentá-las como o fez Ellacuría. As palavras podem estranhar e surpreender os que acreditam, e certamente os descrentes. Elas podem parecer pouco científicas e pouco acadêmcas e, embora possam ser teologais, talvez não soem em excesso piedosas. Para mim têm uma grande verdade e são frutíferas. Ao menos expressam mais verdade e produzem melhores frutos que outras palavras que escutei sobre Monsenhor Romero.

Explico-me. Em Monsenhor Romero, Ellacuría viu um ser humano em que se fazia presente a realidade com tal intimidade e radicalidade que, nesse grau, não encontrou em nenhuma outra pessoa, nem analogamente em nenhuma realidade social, embora fossem coisas boas como a verdade e a liberdade, a democracia e o socialismo, em estado de autenticidade. Isso é o que captou Ellacuría e aflorou na pessoa de Monsenhor, e eu não me recordo de que Ellacuría falasse assim de outras pessoas do passado, nem sequer de pessoas sumamente apreciadas. Para Ellacuría, Monsenhor Romero foi realmente, como Jesus, sacramento de Deus.

Nosso seguimento de Monsenhor Romero

É a coisa mais importante que pode ser destacada desses rituais doloridos de Monseñor como um todo. Para finalizar, somente adiciono duas breves reflexões que me surgem de sua canonização anunciada.

Uma é sobre se Monsenhor Romero foi mártir da fé ou da jusiça, pergunta que não tem relevância para o seguimento de Monsenhor. É claro que Monsenhor foi assassinado, e assim começamos pelo evidente. Monsenhor morreu assassinado, e o mataram e foi morto porque incomodou. Não incomodou com sua fé pessoal em um Deus transcendente, mas incomodou com seu confronto com os criminosos que tiraram a vida de inocentes. Defender o inocente foi a causa do assassinato. Deixo à Congregação da Causa dos Santos decidir se, canonicamente, isso faz de Monsenhor um mártir da fé ou mártir da justiça. E não há que esquecer que Monsenhor, antes que mártir – testemunha como normalmente se enfatiza – foi vítima. E como vítima já está inscrito no livro das vítimas, dessa inumerável nuvem de salvadorenhos e salvadorenhas. Outras coisas podem ser esquecidas, porém esta não.

A outra é se, para a canonização, precisa-se de milagres, e quantos, ou se o Papa tem poder de canonizar "por equivalência". E sobretudo

o que é um milagre. Uma noção de milagre, a mais tradicional no contexto de canonizações, é a da aparição de um poder capaz de atuar contra ou além das leis da natureza, a qual só pode ser única e exclusivamente obra de Deus. Na Bíblia, tal noção não aparece, e no presente o seguidor de Jesus deixa-o indiferente. Outra noção é a aparição de um grande amor, capaz de nos converter e de fazer melhores os seres humanos. E aí vimos a presença de Deus. Neste sentido, Monsenhor Romero foi ele próprio um milagres desde 12 de março de 1977, dia em que assassinaram Rutilio, e continua sendo até o dia de hoje. A canonização fica para a burocracia.

- Não será possível, por uma vez, que a causa dos santos não nos coloque nestes atoleiros?
- Não bastará estar de acorco com dom Pedro Casaldáliga quando disse: "nossa coerência será a melhor canonização de 'São Romero da América, Pastor e Mártir'"?
- Não bastaria nos alegrar de que, com Monsenhor Romero, Deus passou por El Salvador?
- Não será melhor buscar, agradecer e abraçar o nosso camponês?

A carta de Ignacio Ellacuría a Monsenhor Romero

Madri, 9 de abril de 1977

Querido Monsenhor!

Pude seguir de muito perto e com abundante informação os gloriosos acontecimentos em março em El Salvador, e muito singularmente na Arquidiocese. Assim fiquei sabendo de suas intervenções como arcebispo de San Salvador. Deus quis colocar-lhe no começo de seu ministério um transe sumamente difícil, sumamente cristão, porque se nele abundou o crime, superabundou a graça. Tenho que expressar-lhe, de minha modesta condição de cristão e sacerdote de sua arquidiocese, que me sinto orgulhoso de sua atuação como pastor. Deste longínquo exílio quero mostrar-lhe minha admiração e respeito, porque vi em sua ação o dedo de Deus. Não posso negar que seu comportamento superou todas as minhas expectativas e isto me causou uma profunda alegria, que quero comunicá-la neste sábado de glória.

Permita-me, dada a minha condição de estudioso de teologia, dar-lhe uma pequena razão para meu orgulho, admiração e respeito. E creio que o

martírio do Padre Grande e dos demais cristãos mereceu para El Salvador uma exemplaridade singular para toda a Igreja Latinoamericana. Eu não sei onde mais os sacerdotes e seus pastores poderiam estar em tal altura.

O primeiro aspecto que me impressionou é seu espírito evangélico. Eu soube desde o primeiro instante por meio do Pe. Arrupe. São muitos os pastores que ostentam espírito evangélico, porém, quando postos na prova de fogo – e vimos no próprio El Salvador – mostram que não existe tal espírito. Você imediatamente percebeu o significado limpo da morte do Pe. Grande, o significado da perseguição religiosa, e respaldou com todas as suas forças esse significado. Isso mostra sua fé sincera e seu discernimento cristão. Mostra também sua valentia e prudência evangélicas diante de claras covardias e prudências mundanas. É muito difícil que em casos como esses o evangelho esteja ao lado da ANEP, do governo; você viu claramente, e com independência e firmeza tirou suas conclusões e tomou suas decisões.

Isto me faz ver um segundo aspecto: o de um claro discernimento cristão. Você, que conhece os Exercícios de Santo Inácio, sabe o difícil que é discernir e decidir segundo o espírito de Cristo e não segundo o espírito do mundo, que pode se apresentar sob um anjo de luz. Teve o acerto de ouvir a todos, porém acabou decidindo pelo que parecia, a olhos prudentes, o mais arriscado. No caso da única missa, da supressão das atividades dos colégios, de sua firme separação de todo ato oficial, etc. soube discernir onde estava a vontade de Deus e soube seguir o exemplo e o espírito de Jesus de Nazaré. Isto me deu grandes esperanças de que seu ministério, que será muito difícil, possa continuar sendo plenamente cristão nestes momentos da América Latina, onde tão difícil se apresenta a verdadeira vida da Igreja, mais que nunca chamada a ser uma vida de testemunho e de martírio.

O terceiro aspecto vejo-o como uma conclusão dos anteriores e como sua comprovação. Nesta ocasião e apoiado no martírio do Pe. Grande, você fez a Igreja e fez unidade na Igreja. Bem sabe você o difícil que é fazer essas duas coisas hoje em El Salvador. Porém a missa na catedral e a participação quase total e unânime de todo o presbitério, dos religiosos e de tantas pessoas de Deus, mostram que, nessa ocasião, as duas coisas foram alcançadas. Não podia você entrar com pé melhor para fazer Igreja e para fazer unidade em Igreja dentro da arquidiocese. Sabe-se que isso era difícil. E você conseguiu. E conseguiu não pelos caminhos da bajulação ou da dissimulação, mas pelo caminho do Evangelho: sendo fiel a ele e sendo valente com ele. Penso que, enquanto você segue nesta

linha e tem como primeiro critério o espírito de Cristo, martirialmente vivido, o melhor da Igreja em San Salvador estará com você, e aqueles que tiverem de ser separados, serão separados.

Na hora da prova pode-se ver quem são fiéis filhos da Igreja, continuadora da vida e da missão de Jesus, e quem são os que querem se servir dela. Parece-me que nisto temos um exemplo na vida última do Padre Grande, longe do extremismo da esquerda, mas muito mais distante da opressão e lisonja da riqueza injusta, diz São Lucas.

Finalmente, creio que esta dolorosa e feliz ocasião deu-lhe ocasião de reencontrar a verdadeira Companhia de Jesus, aquela que pessoas interesseiras querem separar. Segundo pude escutar e ler, você se entregou à Companhia de Jesus e a Companhia de Jesus se entregou a você. Você terá visto que a Companhia de Jesus em El Salvador quer ser fiel a Cristo e à Igreja, e quer até as últimas conseqüências. Nem sempre é fácil e nem sempre acertará. A companhia de Jesus está por vocação na fronteira, no limite onde os perigos de toda índole são maiores. Neste terreno não é fácil acertar sempre, nem nas ideias, nem nas ações. Porém, penso que há nela suficiente espírito para reconhecer seus erros e para não desistir de seu empenho.Você deve ter comprovado nesta hora difícil quanta gente verdadeiramente espiritual e verdadeiramente capaz tem a Companhia a serviço de Cristo e da Igreja em El Salvador.

Eu peço a Deus que todas estas coisas sigam para o bem de todos. É só o começo, mas foi um extraordinário começo. O senhor lhe proporcionou um princípio extraordinariamente cristão em seu novo ministério. Que Ele lhe conceda seguir adiante entre tão excepcionais dificuldades. Se consegue manter a unidade de seu presbitério mediante sua máxima fidelidade ao evangelho de Jesus, tudo será possível.

Isto é o que lhe deseja de todo o coraçao este membro da arquidiocese, que agora se vê afastado contra toda sua vontade, penso que por anunciar o evangelho. Reitero minha admiração e meu agradecimento por seus primeiros passos – que conheço muito bem em toda sua complexidade – como arcebispo de San Salvador.

Affmo. En Cristo

Ignacio Ellacuría

CONVERGÊNCIA – Ano LIII – Nº 515 – Outubro 2018

MÍSTICA E PROFECIA: UM OLHAR DE TERESA DE JESUS COMO PROFECIA, HOJE

Irmã Assunta Romio[1], stj; Irmã Rita Romio[2], stj

Ementa

Para realizar a sua missão mística e profética, a VRC feminina atual é desafiada a sair da autorreferencialidade e a buscar novos caminhos e respostas criativas, sabendo-se impulsionada e sustentada por Aquele que a anima a viver e servir. É pertinente espelhar-se numa ousada mulher, Santa Teresa de Jesus, do Séc. XVI, que, ao decidir realizar "o pouco que estava ao seu alcance", arriscou ir além dos espaços assinalados às mulheres, atrevendo-se a converter-se em mestra de espiritualidade, escritora e fundadora, em líder de um movimento de reforma de mulheres e de homens. Mergulhar na dinâmica teresiana é um convite à paixão pela causa e missão de Jesus Cristo. É a partir da sua experiência, peregrina do próprio interior, que a Doutora da Igreja apresenta a mística de imbuir-se na fonte Trinitária e, em decorrência, o anúncio profético de Jesus Cristo e sua humanidade

Introdução

A mística e profecia vivida por Teresa pode ser um espelho, hoje, no contexto de VRC. Mulher que viveu em constante processo de busca,

1 assuntastj@gmail.com.

2 Irmã Teresiana (Companhia de Santa Teresa de Jesus). Graduada em Teologia e Pedagogia, com mestrado em Teologia (PUC/RJ); Membro da Equipe Interdisciplinar de Assessoria da CRB; ritaromio@hotmail.com.

comprometida com a pessoa humana, consciente do momento em que estava vivendo e orientando outros e outras a seguirem Jesus Cristo e sua humanidade, ajudando a uma leitura de fé nas situações cotidianas de conflito, orientando a criarem estratégias de fazer o pouco que estava em suas mãos para transformar a realidade existencial, situacional e espiritual de si própria, do contexto e da VRC.

Um pouco de história

Teresa de Cepeda y Ahumada, nascida em Ávila, Espanha,[3] entrou no Carmelo da Encarnação em Ávila recebendo a formação de monja carmelita. Ela não estava tranquila com aquele estilo de Vida Religiosa e, com um grupo de Irmãs e leigas, começou a sonhar com uma VRC mais radical. Seria um pequeno grupo de apenas doze monjas e que se dedicassem à oração, contemplação e vivessem do próprio trabalho. Esta ideia tomou corpo com a primeira fundação, o Convento de São José de Ávila. O Geral da Ordem, por ocasião de sua visita, ficou muito impressionado com a vivência radical do seguimento a Jesus Cristo desta comunidade, na simplicidade, alegria, pobreza e oração. Ali mesmo, escreveu a bula dando poderes a Teresa de fundar novos conventos com este mesmo estilo de vida. Assim, num período de vinte anos, foram fundados 17 novos conventos.[4]

Oriunda de uma família com certas condições financeiras, Teresa recebeu uma sólida educação onde aprendeu a ler e escrever, privilégio dado a pouquíssimas mulheres do seu contexto. Por isso, mais tarde, enfatizou a formação de suas co-irmãs. Já na primeira fundação, introduziu o desafio de saberem ler e escrever, estudar e aprender o latim para a reza do Ofício das Horas.[5] No livro do Caminho de Perfeição escreveu recomendando que na comunidade se vivesse o amor de umas para com as outras, na humildade e desprendidas das coisas,[6] empenhadas em servir ao Senhor, sendo orantes. Porém enfatizou que devem ser respeitadas as características de cada monja.

3 Trata-se de Teresa de Cepeda y Ahumada, Teresa de Ávila, Teresa de Jesus, nascida em Ávila, Espanha, de 1515 a 1582. Os espanhóis, carinhosamente a chamam de Teresa a Santa ou a Santa de Ávila.

4 ÁLVAREZ, Tomás. *Diccionario de Santa Teresa de Jesús.* Burgos: Monte Carmelo, 2001. p. 1302-1326. As Fundações de Santa Teresa: São José de Ávila, em 1562 (V36); Medina Del Campo, 1567 (F3); Malagón, 1568 (F9); Valhadolid, 1568 (F10); Toledo, 1569 (F15); Pastrana, 1569 (F17); Salamanca, 1570 (F18); Alba de Tormes, 1571 (F20); Segóvia, 1574 (F21); Beas, 1575 (F22); Sevilla, 1575 (23); Caravaca, 1576 (F27); Villanueva, 1580 (F28); Palencia, 1580 (F29); Sória, 1581 (F30); Burgos, 1582 (F31). E dos Carmelitas descalços: Duruelo, 1567 (F13-14) e Pastrana, 1569 (F17).

5 SANTA TERESA. *Cartas.* Tomás Alvarez (Ed.). *Introducciones y notas.* 2. ed. Burgos: Monte Carmelo, 1981.p.1024. (Carta a María de Mendoza, 7 marzo 1572:S.34 E.38 Lf.27 A.III 6 T.392 D.41).

6 TERESA DE JESUS. *Obras completas.* (Coord.) Frei Patrício Sciadini. Tradução do texto estabelecido por Tomás Alvarez, 5. ed. São Paulo: Carmelitas/Loyola, 2013. p.312. Caminho de perfeição (C4,4).

Nos escritos teresianos, Teresa deixou transparecer a dinâmica do encontro com o Sagrado. Ela buscou, tanto nas leituras como nas partilhas com os confessores, os espirituais, os amigos e amigas, respostas às suas inquietações interiores. Ao fazer a primeira experiência mística do encontro com Jesus Chagado, compreendeu a dinâmica do amor incondicional que a transformou plenamente.[7] Essa experiência foi, para ela, como um espelho para olhar a própria vida e confrontá-la com Cristo. Apresentou Jesus Cristo e sua Humanidade com uma linguagem compreensível e clara, ressaltando que a centralidade da vida cristã é o encontro com Jesus Cristo. Anima o leitor a buscar, seja na oração vocal ou contemplativa, a presença do Amigo que mora dentro, no coração da pessoa. Para ela a oração é estar a sós com quem sabemos que tanto nos ama.[8] Um amor incondicional de Deus que se manifesta e quer se encontrar com a sua criatura.

Como consequência das experiências místicas, Teresa foi impulsionada a uma vida coerente, buscando o equilíbrio entre a oração e ação. Esta compreensão perpassou sua história de vida, nas relações com as pessoas e acontecimentos, na sua maneira de escrever e partilhar com outros e outras e com aqueles que também desejavam seguir o caminho de encontro com Jesus Cristo.

O Livro da Vida de Teresa narra experiências vividas na infância e adolescência até a vida adulta, com mínimos detalhes.[9] Assim a conhecemos hoje, mulher escritora, fundadora e empenhada em fazer o pouco que estava em suas mãos, dando o melhor de si.[10] Viveu em tempos difíceis e complexos, tanto em nível religioso, quanto social, econômico e cultural, tempos de Inquisição, perseguições religiosas, principalmente em relação aos *mouros* e *judeus*.

---

7 TERESA DE JESUS, 2013. p. 66. *Livro da Vida* (V9,1). [...] Um dia estando no oratório, ao ver uma imagem guardada ali para certa festa a ser celebrada no mosteiro. Era um Cristo com grandes chagas, que inspirava tamanha devoção que eu, de vê-Lo, fiquei confusa, visto que ela representava bem o que Jesus passou por nós. A experiência foi muito forte e surgiu um grande desejo de ser agradecida com aquelas chagas, que o meu coração quase se partiu; lancei-me a seus pés, derramando muitas lágrimas e suplicando-lhe que me fortalecesse de uma vez, para que eu não O ofendesse.

8 TERESA DE JESUS, 2013. p. 63. (V8,5).

9 SANTA TERESA, 2013, p. 28 a 1698. *Livro da Vida e Caminho de Perfeição,* ambos escritos em 1566-1567; *Castelo Interior* ou *Moradas,* em 1577; *Fundações, em* 1573; *Conceptos para Alcançar o Amor*, *Contas de Consciência ou Relações*, *Exclamações*, *O Modo de Visitar Conventos, Epistolário, Poesias* em 1560 e as *Constituições* do Carmelo, em 1581.

10 TERESA DE JESUS, 2013. p. 302. *Caminho de Perfeição* (C1,2).

O surgimento das navegações e a consequente descoberta além-mar da América exigiu altos investimentos, que muito pesaram sobre o povo espanhol. Mas a monarquia foi quem se beneficiou com a riqueza procedente da exploração da América, em detrimento do povo cada vez mais pobre, endividado e passando fome.

Foi neste contexto que viveu Teresa de Jesus, no qual se empenhou em dar a sua contribuição, buscando alternativas. Transformava as dificuldades e os sofrimentos em ação de graças com o dinamismo de fazer algo por Jesus Cristo. Dizia que lhe vinha de dentro como uma luz que brilhava gerando paixão, entrega e doação incondicional da própria vida.[11] Com as experiências místicas que brotavam do profundo encontro com Jesus Cristo, transformou-se numa pessoa integrada em todas as dimensões. Foi se tornando uma mulher que influenciava pessoas a também realizarem o processo de entrar em si, encontrar-se com o tesouro,[12] Jesus Cristo, encontrando-se consigo, com a humanidade, com o cosmos.

No livro das Moradas ou Castelo Interior, Teresa fala da sua experiência mística como dom e graça. E a consequente necessidade de partilhar com outras pessoas a profunda experiência de sentir-se tocada pelo Transcendente. Uma das formas que ela utiliza é escrevendo as suas experiências. E o faz de forma pedagógica e mistagógica. Aprende com os erros,[13] verbaliza os sentimentos, angústias, riquezas interiores, desejos de crescimento e de superação.[14] O fato de se dar conta e acolher a sua realidade pessoal, reconhecendo as suas limitações, acabou gerando nela um dinamismo de humildade, discrição, simplicidade e constante busca da Verdade. Suplica a Deus a graça de recuperar o tempo perdido. Deseja que sua vida seja totalmente consagrada ao Criador.[15] E assim, foi elaborando uma síntese de espiritualidade, gerada e moldada na dura experiência de busca pelo seu sentido existencial,

11 TERESA DE JESUS, 2013. p. 66. (V5,6).

12 TERESA DE JESUS, 1013. p. 599. Livro das Fundações (F1,7).

13 TERESA DE JESUS, 2013. p. 447. Livro das Moradas (1M2,7).

14 TERESA DE JESUS, 2013. p. 61. 326. (V8,1 e C8,1).

15 TERESA DE JESUS, 2013. p. 890. Livro das Exclamações (E 4,2). [...] Quereis Senhor meu, quereis! Porque, embora miserável, creio firmemente que podeis o que quereis, e quanto maiores as maravilhas vossas de que ouço falar, e considero que podeis fazer mais, tanto maior se torna a minha fé, e com maior determinação que creio que fareis o que Vos peço. E de que se admirar do que faz o Todo-poderoso? Bem sabeis Deus meu, que, em meio a todas as minhas misérias, nunca deixei de reconhecer vosso grande poder e misericórdia. Que isto em que não Vos ofendi me valha. Recuperai Deus meu, o tempo perdido dando-me graças no presente e no futuro, para que eu me apresente diante de Vós com vestes de bodas, pois se quereis podeis!

onde a mística está totalmente relacionada com a profecia. Para ela a atitude de sentar-se aos pés de Jesus para ouvi-Lo, como Maria o fez, e servir o Senhor, como Marta, deve ser a dinâmica de quem segue o Senhor, ou seja, Marta e Maria devem andar juntas.[16]

Assim, a partir da própria experiência, revela que o segredo para ser uma pessoa contemplativa é estar inserida e atuante no mundo. Ter os pés no chão da vida, da história e, como conseqüência, a clareza de que o Senhor quer obras,[17] e não só palavras bonitas.

Sabeis o que é ser espiritual de verdade?[18] É assumir à missão de Jesus Cristo como parte integrante da vida. O encontro acontece entre a pessoa e o Sagrado, ou seja, entre o ser humano e Deus, o Criador com a sua criatura. Assim se configura o mistério de um Deus, que cria o universo e pede à sua criatura que viva e desfrute o presente, exatamente onde está inserida. E Deus se aproxima da sua criatura e, como se não bastasse, Ele faz morada no seu coração.

Ante o desafio da nossa debilidade humana, Teresa sabia que nem sempre podemos conseguir tudo o que queremos ou projetamos. Convida a fixar os olhos no Crucificado, e assim tudo se vos fará pouco, ressalta.

Teresa teve a convicção de que Deus é presença na vida da pessoa, luz e força no projeto de seguimento a Jesus Cristo. E com esta certeza anima o leitor a não se cansar e muito menos a desanimar na caminhada.[19]

A leitura dos textos teresianos nos leva a imaginar uma mulher andarilha, falante, que socializa com eloquência as suas experiências de paixão pelo Senhor. O seu modo de ser e agir expressa a essência e a presença de Deus, que gerou nela uma nova mulher, capaz de despertar muitas pessoas para o encontro profundo com Deus. Ao narrar as maravilhas que o Senhor fez nela, enfatiza a importância de deixar-se moldar por Deus. E a isso ela chama de conversão, um processo no qual ocorre a descoberta da imagem de Deus, que fica esculpida na mente, no coração e na alma da pessoa.[20]

De peregrina do próprio interior à mestra

A necessidade de socializar sua paixão por Jesus Cristo a tornou escritora de várias obras. Aqui vamos nos deter nas cartas, como um

16 TERESA DE JESUS, 2013. p. 585. (7M4,12).
17 TERESA DE JESUS, 2013. p. 503. (5M3,11).
18 TERESA DE JESUS, 2013. p. 584. (7M4,9).
19 TERESA DE JESUS, 2013. p. 586. (7M4,15).
20 TERESA DE JESUS, 2013. p. 552. (6M9,3).

dos seus recursos de comunicação. Teresa escreveu constantemente cartas com diversas finalidades: para acompanhar prioras, na formação das lideranças e pessoas que faziam a caminhada rumo ao seu centro interior na busca do Deus vivo; para agilizar os negócios das fundações; para comunicar o envio de dinheiro para pagar dívidas e o sustento das comunidades; ou ainda para atender às diversas necessidades do cotidiano. Caracterizadas como escritos normalmente informais, as cartas possibilitavam conhecer o amplo universo de relações que Teresa mantinha com pessoas de todos os níveis e classes sociais. As cartas eram enviadas por arreeiros contratados e, além de fazerem a entrega pessoal aos destinatários, deviam esperar a carta resposta.[21]

Nas cartas ela deixava transparecer a concretização da mística teresiana, tema este melhor elaborado nas Sétimas Moradas, quando fala da presença de Deus na vida da pessoa. É um Deus que chama, que é presença viva e que deseja se encontrar com o ser humano. No elenco das cartas nosso foco vai em direção a alguns assuntos relacionados ao acompanhamento de pessoas, onde ela aconselha, orienta, anima e adverte os destinatários no caminho de encontro com Jesus Cristo.

Como uma verdadeira mistagoga, em sua comunicação registrada nas cartas, demonstra estar muito atenta à evolução, aos ritmos pessoais; incentiva a pessoa a descobrir o melhor de si e como pode se colocar a serviço de Deus, dos irmãos e irmãs. Teresa dá muita importância à afabilidade e à alegria nas relações interpessoais. Para compreender tamanha envergadura selecionamos algumas cartas mais específicas sobre o acompanhamento.[22]

Na carta a Lorenzo, seu irmão, Teresa escreveu e partilhou algumas graças místicas como os arroubamentos. Ela aproveitou a ocasião para orientá-lo a fim de que buscasse alguém que o pudesse ajudar. Indicou o seu amigo teólogo Sr. Francisco de Salcedo, uma pessoa humilde e que tinha experiência profunda de oração. Um homem santo e que podia ajudar a compreender o processo que estava vivendo no âmbito da oração. Ela insistiu com seu irmão, que não deixou de acolher esta sugestão.[23] À monja, Ana de Santo Alberto, disse-lhe que gostaria de estar com ela para conversar sobre as graças de Deus em sua vida. Ela escreveu

21 SANTA TERESA, 1981. p.23.

22 SANTA TERESA, 1981. No Epistolário Teresiano foram catalogada 468 cartas pelo padre Tomás Alvarez, Carmelita e estudioso de Santa Teresa de Jesus.

23 SANTA TERESA, 1981.p.31. (Carta a Lorenzo de Cepeda, 2 enero 1577: S.158 E.165 L.132 A.I 31 T.6 D.172). [...] O que você escreve do que está fazendo na oração, estou realmente espantada. Seja bendito para sempre. Agora entendo o motivo pelo qual desejava rezar e o faz bem. Mas uma coisa é desejá-la, e outra é pedi-la. Acredite que o melhor é o que está fazendo agora: colocar-se nas mãos de Deus e que se faça unicamente a sua vontade. Ele sabe o que melhor lhe convém, mas sempre procure ir pelo caminho que eu lhe tracei. Olhe que é mais importante do que entende. (Tradução nossa).

que nunca imaginou que a queria tanto, por isso desejava vê-la e falar com ela. Orientou-a para que tivesse um pouco de paciência com as suas co-irmãs, respeitando os ritmos e as peculiaridades que lhe são próprias. A doente deve ser tratada como tal, pois, nesta condição, também pode chegar à perfeição. O que importa é que tenha boa vontade de não ofender a Deus.[24] Ao amigo Gaytan, respondeu a consulta sobre a oração e os desejos de solidão; na verdade, reconheceu que é um assunto que mereceria mais tempo para discorrer. Algumas pessoas podem chegar à contemplação, quando menos esperam. Saiba que, neste mundo, os tempos e ritmos de cada pessoa são diferentes, por isso, precisa ter mais paciência e deixar que Deus atue. Procure o padre reitor e ele poderá ajudá-lo a perceber o caminho por onde Deus está lhe encaminhando.[25]

À sua irmã Joana contou que, na comunidade de Toledo, elas não tinham dinheiro nem para comprar uma sardinha, mas tinham a certeza de que Deus estava com elas e as amparava.[26] Ao padre Báñez lhe disse que o segredo da verdadeira alegria era deixar as coisas supérfluas e dedicar-se à oração, ao encontro com Jesus Cristo. Afirmou que estar com o Amigo lhe gerava alegria e gozo interior, algo inexplicável.[27] Ao padre Mariano, sugeriu-lhe que acolhesse o sofrimento advindo da relação com os seus co-irmãos como uma dádiva para o seu crescimento, e que podia vivê-lo com alegria e oportunidade para crescer.[28] Ao padre Gracián lhe disse que admirava a perfeição da comunidade das monjas de Sevilha, e sentiu uma grande alegria pela coragem e, ao mesmo tempo, a leveza no enfrentamento dos conflitos. Que ele ficasse atento em viver também com alegria e brandura com os outros. Ela partilhou dizendo que estava muito frio e sentia dor de garganta.[29]

Teresa era cuidadosa nos mínimos detalhes. Quando seu irmão Lorenzo voltou à Espanha com a família, ela escreveu a sua irmã Joana comunicando que estava enviando umas pequenas lembranças aos recém-chegados.[30] Noutra comunicação a Gracián, disse que leu sua

24 SANTA TERESA,1981. p. 821. (Carta a Ana de San Alberto, 2 julio 1577: S.184 E.194 Lf.156 A.IV 68 T.290 D.200).

25 SANTA TERESA,1981. p. 707. (Carta a Antonio Gaytán, ultimos meses 1574: S.66 E.72 Lf.48 A.IV 52 T.428 D75).

26 SANTA TERESA,1981. p.72. (Carta a Juana de Ahumada, mediados diciembre 1569: S.18 E.23 Lf.17 A.II 51 T.19 D.23). Encontramos também no Livro das Fundações (F15, 14).

27 SANTA TERESA,1981. p. 899. (Carta ao padre Domingo Báñez, 28 febrero 1574: S.54 E.59 Lf.41 A.I 16 T.332 D.61)

28 SANTA TERESA,1981. p. 505. (Carta ao padre Ambrosio Mariano, , 12 diciembre 1576: S.148 E.154 Lf.120 A.II 46 T.185 D.161).

29 SANTA TERESA,1981. p. 277. (Carta ao padre Jerónimo Gracián, 13 diciembre 1576: S.147 E.156 Lf.119 A.II 23 T.96 D.162).

30 SANTA TERESA,1981. p. 83. (Carta a Juana de Ahumada, 12 agosto 1575: S.78 E.84 Lf.62 A.IV 42 T.26 D.87).

carta e respondeu dizendo que estava cansada e velha, mesmo que não o desejasse. Não sabia como ele não se cansava com suas cartas, conversas e tinha certeza que Deus o recompensaria por tanta doação à missão.[31] Advertiu-o para que prestasse atenção nas mudanças de comportamento, quando passava da alegria à tristeza, e que, ao lidar com as realidades conflitivas, considerasse ser impossível enfrentá-las. Solicitava que orientasse as jovens que queriam entrar no convento para que fizessem o processo de discernimento, pois o importante era que fossem felizes.[32] A Santa partilhava, com Maria de São José, que tinha ordem médica de não escrever por estar com estafa, e que, ante a necessidade de escrever, pediu ajuda à sua co-irmã Maria. Esta escrevia o que Teresa ditava, ou seja, notícias preocupantes que chegavam de Sevilha com as calúnias contra Gracián; as dívidas do convento; a imprudência de uma monja de Paterna. Olha, é melhor rir-se e dar tempo, pois neste momento não podemos fazer nada, afirmava a Santa. Deus nos dá saúde e vida, amém. Reze por mim.[33]

Teresa se preocupava em ajudar as pessoas a assumirem as suas dificuldades e mudarem de vida ou de paradigmas. Escreveu ao arcebispo de Burgos uma carta terrível que não tinha coragem de entregá-la. Por prudência partilhou o drama com o amigo, Pe. Alvaro, que a orientou a escreve outra, um pouco mais amena. Ela agradeceu pela pedagogia utilizada e constatou que as mesmas coisas podiam ser ditas de forma diferente. E relatou que, quando a carta foi entregue ao arcebispo, ela achou tanta graça da situação e riu muito. A Santa, ao agradecer ao amigo Pe. Alvaro pela grande ajuda, aproveitou para expressar que ele tinha sido presença alentadora pelo desfecho dos mal-entendidos, tanto para ela como para a Comunidade.[34]

À Maria Bautista, escreveu-lhe que estava bem e sem dores. Mesmo assim é bom acolher cada dia como se apresenta e vivê-lo com bom humor. Fazer no cotidiano o pouco que podemos e, quem sabe, seja isso o que Deus nos pede. Filha minha, estamos no mundo, mesmo com idade avançada, não acabamos de entender o Senhor.[35]

31 SANTA TERESA, 1981. p. 324. (Carta ao padre Jerónimo Gracián, 14 mayo 1578: S.231 E.229 Lf.194 A.III 17 T.118D246).

32 SANTA TERESA, 1981. p. 170. (Carta ao padre Jerónimo Gracián, 17 septiembre 1581: S.380 E.378 Lf.349 A.I 24 T.170 D.408).

33 SANTA TERESA, 1981. p. 633. (Carta a María de San José, 28 de febrero 1577: S.172 E.181 Lf.144 A.II 87 T.227 D.186).

34 SANTA TERESA, 1981. p. 157. (Carta a D. Alvaro de Mendoza, 13 abril 1582: S.412 E.410 Lf.381 A.II 3 T.53 D441).

35 SANTA TERESA, 1981. p. 760. (Carta a M. María Bautista, finales junio 1574: S.56 E.67 Lf.43 A.IV 62 T.265 D.68).

Escreveu a Gracián dizendo que não entendia por que devia ir a lugares tão perigosos para evangelizar, colocando a sua vida em jogo. Solicitou que escrevesse e contasse o que estava passando nestes lugares, não somente em relação ao povo, mas também com os padres de outras congregações. Disse estar muito curiosa em saber os mínimos detalhes. Riu ao ler que ele comeu no hospital as empadas preferidas. Recomendou que não descuidasse dos detalhes e de sua segurança.[36]

Às monjas de Sevilha, Isabel e María de San José, escreveu uma carta carinhosa e pedagógica. Teresa solicitou que esta carta fosse aberta e lida em comunidade, pois estava dirigida à atual priora e à ex-priora, falando exatamente do sofrimento do grupo em relação às calúnias e lhes dando sugestões. Procurem não exigir demais das monjas, porque já estão muito sofridas, deixem que o Senhor vá curando as feridas. Cuidem para que não fiquem muito tempo na solidão, isso não é muito bom. Pensem na possibilidade de trabalharem mais em grupo, até que as feridas sejam sanadas.[37]

À Maria de San José desejou que a graça do Espírito Santo estivesse com ela. Expressou que desejaria vê-la, abraçá-la e estar ali com ela e com a comunidade neste momento tão sofrido. Alentou-as na certeza de que juntas iriam conseguir superar tudo. Afirmava ter certeza de que este foi o efeito das orações que todas as comunidades carmelitas fizeram por elas. Queremos dar graças, juntas, por ter conseguido superar e solucionar o problema das calúnias.[38]

À comunidade de Sevilha orientou o exercício do perdão e da misericórdia orientando que fizessem o esforço para acolher as causadoras da calúnia contra a comunidade.[39] Na outra carta à comunidade de Sevilha as animou a continuarem acolhendo o sofrimento como uma

36 SANTA TERESA, 1981. p. 298. (Carta ao padre Jerónimo Gracián, 2 marzo 1578: S.216 E.215 Lf.182 A.IV 25 T.110. D.231).

37 SANTA TERESA, 1981. p. 675. (Carta a Isabel de San Jerónimo y María de San José, 3 de mayo 1579: S.274 E.273 Lf.236 A.I 58 III 79 T.242 D.294).

38 SANTA TERESA, 1981. p. 686. (Carta a M. María de San José, 22 de julio 1579: S.284 E.283 Lf.246 A.I 61 T.244 D.304).

39 SANTA TERESA, 1981, p. 879. (carta, a las Carmelitas Descalzas de Sevilla, 13 enero 1580: S.304 E.298 Lf.267 A.I 52 T.324 D.326). [...] agora, quero assegurar a plena reintegração na comunidade das monjas Beatriz de la Madre de Dios e a Margarida, por mais culpáveis que tenham sido no conflito relacional. [...] Às vezes o Senhor permite a caída para que sejamos mais humildes. Quando acontecem estas coisas, nos damos conta do erro e, reconhecendo-o, certamente crescemos no conhecimento próprio e nos tornamos mais sensíveis ao serviço de Nosso Senhor, como aconteceu com muitos santos. Assim que, minhas filhas, todas estão sob a proteção da Virgem Maria e professam a mesma fé e são monjas. Procurem amar-se umas às outras e façam de conta que nada aconteceu na comunidade. Com todas falo desde o meu coração e contem com as minhas orações. (Tradução nossa).

dádiva para crescerem como grupo.[40] Escreveu ao frei Domingo Báñez que não precisasse ter medo, pois, se realmente agisse por amor a Deus, devia crer, confiar e colocar tudo em Suas mãos, sem desânimo, com perseverança, na certeza de que Deus faz a sua parte.[41]

Maria Bautista estava doente e cheia de medos e preocupações. Teresa escreveu manifestando preocupação com esta sua coirmã, que estava com dificuldade de se curar. Aconselhou-a que comesse bem e, por favor, não ficasse sozinha com devaneio. Supôs que o problema não era a saúde, mas algo mais espiritual. Comentou que o amigo Domingos era bastante ingrato, porque não escreveu à Teresa contando como estava ela, Maria Bautista. Afirmou que solicitou que a importunasse até ela superar esta situação.[42]

Orientou a Maria de São José que podia aceitar a jovem pobre e escrava que solicitou entrar no convento, mesmo que a princípio parecia ter poucas capacidades. Procure não exigir demais em querer que seja perfeita. Favorecer que faça a experiência e se desenvolva primeiro como mulher e depois como religiosa.[43]

Escreveu a Maria Bautista dizendo que rira muito da sua carta e que estava de bom humor naquele dia. Quero lhe dizer que não se espante com os grandes negócios, o importante é ter saúde e o que mais me preocupa é que tenha a inquietação de trabalhar o seu interior. Sim, sei da complexidade da questão e enfrentá-la pode ser uma maneira de ser santa. Sei também que às vezes deseja solidão. É bom desejá-la, mas na

40 SANTA TERESA, 1981, p. 846. (carta, a las carmelitas descalzas de Sevilla, 31 de enero 1579: S.264 E.264 Lf.229 A.I 51 T.323 D.284). [...] Ânimo, ânimo, minhas filhas! Lembrem-se, a ninguém dá ao Senhor mais sofrimento do que pode suportar e Ele será sempre uma força nas tribulações e sofrimentos. Por isso, uma coisa é certa, não há motivo para temer, mas esperar na Sua misericórdia, que a verdade será toda descoberta e se hão de entender algumas astúcias que o demônio encobriu [...]. Oração, oração, minhas irmãs e resplandeça mais do que nunca a vossa humildade e obediência. (Tradução nossa).

41 SANTA TERESA, 1981. p. 899. (Carta ao padre Domingo Báñez, 28 febrero 1574: S.54 E.59 Lf.41 A.I 16 T.332 D.61).

42 SANTA TERESA, 1981. p. 789. (Carta a María Bautista, 2 noviembre 1576: S.126 E.136 Lf.103 A.II 76 T.274 D143). [...] se Deus não tivesse me sustentado, há muito tempo teria eu feito o que você queria fazer, mas Ele não me deixa de sua Mão. Vejo, aliás, que é servo de Deus, e por isso é justo ter-lhe amor, que o merece. E não só a ele, mas quantos há neste mundo como ele. Bem tolas seremos se esperamos receber mais deles; contudo, não há razão para imitá-lo, mas pelo menos sejamos gratas pelo bem que nos tem feito e o muito que nos ajudaram; [...] procure adquirir, pouco a pouco a liberdade de espírito, que eu, graças a Deus, já tenho muita e não pense estar tão liberta como diz. Bendito seja Ele, que é sempre um verdadeiro Amigo, quando queremos sua amizade. (Tradução nossa).

43 SANTA TERESA, 1981. p. 650. (Carta a María de San José, 28 de junio 1577: S.183 E.193 Lf.155 A.II 91 T.233 D.198).

verdade você agora não pode, pois está doente.[44] Novamente a Gracián escreveu dizendo que a Páscoa já tinha chegado, mesmo fora do tempo. Tenho que me conter para não escrever certas coisas que podem prejudicar pessoas e processos em andamento. Pediu ao amigo que rasgasse as cartas depois de lidas. Enviou algumas poesias e anedotas que recebeu da comunidade do convento da Encarnação, para rir um pouco, pois eram engraçadas. Mesmo sabendo que as pobres monjas da Encarnação passam fome, só de pensar, dá vontade de chorar, mas tenho esperança que um dia a situação da comunidade possa melhorar.[45]

Como vemos, as cartas de Teresa revelam seu amplo conhecimento tanto de si mesma como do contexto em que vivia. Nota-se como ela catalisou o sentido de sua existência ao passar por vários desafios nos quais buscou incessantemente a solução dos conflitos, das insatisfações, rebeldias, dos encontros e desencontros. A Verdade que ela buscava estava mais perto do que imaginava, ou seja, dentro dela. O Amigo Jesus Cristo tornou-se o seu bem maior que lhe dava alento à Vida de Consagrada. Ao fazer a experiência com Jesus Cristo e sua Humanidade, retomou a sua caminhada e se lançou para ser testemunha da Boa Nova.

Conclusão

Imersa num contexto sócio-político e eclesial conturbado, Teresa optou pela Vida Religiosa Consagrada, e a encontrou com sinais evidentes de decadência. Passou por um processo muito difícil, onde, segundo ela, somente após vinte e sete anos tornou-se uma pessoa integrada.[46] Até então havia se deixado influenciar por outras opções, como, por exemplo, somatizando as suas frustrações em envolvimentos afetivos[47] e doenças.[48] Em sua experiência de peregrina do próprio interior, realizou uma forte e profunda experiência de encontro com o Jesus Humano, desencadeando o seu processo de integração existencial. Ela

44 SANTA TERESA, 1981. p. 756. (Carta a M. María Bautista, 14 mayo 1574:S.53 E.62 Lf.42 A.III 59 T.264 D.63). [...] No momento em que recebi a sua carta, graças a Deus estava sem dor e ri muito ao ler a carta do padre Domingo, escrita de próprio punho, mas não lhe diga nada, porque penso escrever-lhe uma muito engraçada e talvez ele lhe mostre. Asseguro-lhe que me alegrei muito com a carta dele e com a sua. [...] Fez-me muito bem ler estas cartas percebendo o ânimo e a jovialidade [...] Estou muito contente porque estas cartas me fizeram lembrar os empreendimentos da minha juventude. (Tradução nossa).

45 SANTA TERESA, 1981. p. 370. (Carta ao padre Jerónimo Gracián, 10 junio 1579: S.278 E.276 Lf.239 A.I 25 T.137 D.297).

46 ÁLVAREZ, 2001. p. 191.

47 TERESA DE JESUS, 2013. p.31.55. (V2,3;V7,8).

48 TERESA DE JESUS, 2013. p. 47. (V6).

decidiu realizar o pouco que estava ao seu alcance.[49] Assim arriscou ir além dos espaços assinalados às mulheres, atrevendo-se a converter-se em mestra de espiritualidade, escritora e fundadora, em líder de um movimento de reforma de mulheres e de homens. Apresentou a mística de imbuir-se na fonte Trinitária e, em decorrência, o anúncio profético de Jesus Cristo e sua Humanidade.

A partir da releitura da própria vida, percebeu e acolheu o dom recebido da graça mística. Transformou-se em seguidora fiel do caminho de Deus. Tornou-se profetiza realizando uma nova proposta de VRC. Formou um movimento de mulheres, pobres, orantes e iguais. Ante uma sociedade classista, superou os preconceitos de raça e condição religiosa e social. Aqui, todas devem ser amigas, e todas hão de se amar,[50] independentemente de suas origens familiares ou classe social. E como se não bastasse, ela propôs isso a todo o Carmelo e também aos homens. Foi um caso raro de uma mulher fazendo a reforma de uma Ordem masculina.

Sem dúvida a figura de Teresa tem muito a nos dizer como VRC atual. Porque, na pergunta por ela explicitada sobre o que é ser espiritual de verdade, ela responde: "não é outra coisa a não ser Marta e Maria sempre andarem juntas.[51] Viver a mística e a profecia exige escutar Deus, os/as outros/as, a própria realidade que constantemente interpela com novos rostos, novos desafios. Em tempos difíceis, com rumo incerto, somente a luz que brota da mística será capaz de romper fronteiras, lançar-nos ao novo, ao testemunho comunitário de discipulado e missão, colocando-nos ao lado dos necessitados e excluídos, dos famintos de pão e justiça.

Questões para a reflexão em comunidade:

- Que luzes Teresa de Jesus nos oferece para vivermos a mística e a profecia?
- Como fazer para que a VRC testemunhe a paixão trinitária na atualidade?
- Quais as decorrências de viver a mística e a profecia na vida comunitária?

49 TERESA DE JESUS, 2013. p.302. (C1,2).
50 TERESA DE JESUS, 2013. p. 312. (C4,7).
51 TERESA DE JESUS, 2013. p. 585. (7M4,14).